



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS FLORIANÓPOLIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUÍSTICA

Luiz Fernando Hilleshein

Descrição da Situação Linguística dos Teuto-brasileiros de Águas Mornas-SC

Florianópolis
2022

Luiz Fernando Hilleshein

Descrição da Situação Linguística dos Teuto-brasileiros de Águas Mornas-SC

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Felício Wessling Margotti, Dr.

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Hilleshein, Luiz Fernando
Descrição da Situação Linguística dos Teuto-Brasileiros de
Águas Mornas-SC / Luiz Fernando Hilleshein ; orientador,
Felício Wessling Margotti, 2022.
100 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, , Programa de Pós-Graduação em , Florianópolis,
2022.

Inclui referências.

1. . 2. Alemão Dialetal. 3. Língua de imigração. 4.
Bilinguismo. 5. Atitudes Linguísticas. I. Margotti, Felício
Wessling. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em . III. Título.

Luiz Fernando Hilleshein

Descrição da Situação Linguística dos Teuto-brasileiros de Águas Mornas-SC

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado, em 19 de dezembro de 2022, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Cristiane Horst, Dra.
Universidade Federal Fronteira Sul

Prof. Valter Pereira Romano, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Orlando da Silva Azevedo, Dr.
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Marcelo Jacó Krug, Dr.
Universidade Federal Fronteira Sul

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Prof. Dr. Valter Pereira Romano

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti - Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Criador – Nosso Grande Arquiteto – por emanar forças para dirimir minhas fraquezas.

A minha família, em especial as minhas filhas Marília e Eloá, por serem minha motivação e meu porto-seguro.

Ao meu Orientador, Professor Dr. Felício Wessling Margotti, por acreditar em mim e na temática da pesquisa, prestando valiosas contribuições na execução desse trabalho.

Aos demais membros da Banca, Professora Dra. Cristiane Horst, Professor Dr. Valter Pereira Romano, Professor Dr. Marcelo Krug e Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo, pela paciência dispendida e pelo profissionalismo com o qual emprestaram suas valiosas ideias para essa pesquisa.

Ao Professor e Mestre Ivo Zimmermann, por me conduzir pelos meandros dos estudos linguísticos durante a graduação e por todo conhecimento compartilhado.

DEDICATÓRIA

Dedico essa Dissertação a minha saudosa mãe, Arnilda Maria Loch (in memoriam), que muito me apoiou e sempre me aconselhou a continuar meus estudos.

Verba volant, scripta manent.
(Provérbio Latino)

LISTA DE SIGLAS

IPOL – Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística

SC – Santa Catarina

PB-SC – Português falado em Santa Catarina

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil dos informantes em cada um dos pontos de pesquisa	49
Quadro 2 - Esquema da pesquisa	50
Quadro 3 - Informantes que se consideram bilíngues	52
Quadro 4 - Habilidades/competências apresentadas pelo informantes	65
Quadro 5 - Com quem os informantes falam a língua e a frequência	73

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Como os informantes veem a língua alemã.....	55
Gráfico 2 - Importância de passar o alemão dialetal para as futuras gerações.....	58
Gráfico 3 - Percepção das diferenças entre o português falado na comunidade em relação ao falado em outros lugares	62
Gráfico 4 - Possíveis vantagens de ser bilingue/plurilíngue	64
Gráfico 5 - Funções internas e o uso do alemão dialetal.....	67
Gráfico 6 - Primeira língua aprendida.....	68
Gráfico 7 - Contexto em que aprendeu português	71
Gráfico 8 - Língua em que os informantes julgam se expressar melhor.....	72
Gráfico 9 - Uso da língua alemã para além do ambiente familiar	76
Gráfico 10 - Contextos em que se fala alemão dialetal	77

RESUMO

O presente estudo busca descrever – considerando as crenças e atitudes linguísticas, bem como o grau de bilinguismo e a escolha da variedade minoritária ou majoritária frente às funções internas – a situação linguística em Águas Mornas – SC, sob a ótica da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional. Embora na Região Sul do Brasil ter havido elevado número de estudos sobre bilinguismo ao longo das últimas décadas, parece importante expandir tais estudos para regiões ainda pouco investigadas, como é o caso da Grande Florianópolis, mais especificamente no município de Águas Mornas, que é um dos berços de imigração alemã no Estado de Santa Catarina (SC). A presente pesquisa se justifica visto que a referida região, diante da realidade da colonização alemã, constituiu-se como um cenário multilinguístico e, mais do que isso, multicultural em face do cenário plurilíngue dos indivíduos dessa localidade. Mesmo sendo alvo das pretéritas campanhas de nacionalização do idioma, que propagava a ideia de “uma língua, uma nação”, ainda se convive, contemporaneamente, com a língua alemã em contato com o Português nas comunidades de Águas Mornas. O instrumento da pesquisa quanti-qualitativa é constituído de um questionário semiestruturado, dividido entre questões de identidade – verificando as crenças e atitudes linguísticas – e questões referentes ao grau de bilinguismo, ao contexto de circulação e às funções internas para as quais os informantes usam o alemão dialetal. Os resultados demonstram que boa parte das hipóteses linguísticas foram confirmadas, principalmente com relação ao apagamento da cultura e da língua minoritária nos grupos mais jovens e urbanos. Entretanto, certas hipóteses não se confirmaram na totalidade, a exemplo do que ocorreu com a análise da competência de leitura, que também se estendeu a uma parcela da geração mais jovem, e a forma como os entrevistados veem a língua de imigração, em que a imensa maioria do público-alvo apresentou crenças positivas em relação à língua de imigração.

Palavras-chave: Alemão Dialetal; Língua de imigração; Bilinguismo; Atitudes Linguísticas.

ABSTRACT

The present study seeks to describe – considering linguistic beliefs and attitudes, as well as the degree of bilingualism and the choice of minority or majority variety in relation to internal functions – the linguistic situation in Águas Mornas - SC, from the perspective of Multidimensional and Relational Dialectology. Although in the Southern Region of Brazil there have been a high number of studies on bilingualism over the last decades, it seems important to expand such studies to regions still little investigated, such as Grande Florianópolis, more specifically in the Águas Mornas County, which is one of the cradles of German immigration in the State of Santa Catarina (SC). The present research is justified since this region, in view of the reality of German colonization, constituted itself as a multilingual and, more than that, multicultural scenario in view of the multilingual scenario of the individuals of this locality. Even though it was the target of the previous campaigns of nationalization of the language, which propagated the idea of "one language, a nation", there is still contemporaneous contact with the German language in contact with Portuguese in the communities of Águas Mornas. The instrument of quantitative-qualitative research consists of a semi-structured questionnaire, divided between questions of identity – verifying linguistic beliefs and attitudes – and questions related to the degree of bilingualism, the context of circulation and the internal functions for which informants use the Dialectal German. The results show that most of the linguistic hypotheses were confirmed, mainly in relation to the payment of culture and minority language in the younger and urban groups. However, certain hypotheses were not fully confirmed, as with the analysis of reading competence, which also extended to a portion of the younger generation, and the way respondents see the language of immigration, in which most of the target audience presented positive beliefs in relation to the immigration language.

Keywords: Dialectal German; Immigration Language; Bilingualism; Linguistic Attitudes.

ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Studie versucht, – unter Berücksichtigung sprachlicher Überzeugungen und Einstellungen sowie des Grades der Zweisprachigkeit und der Wahl der Minderheiten oder Mehrheitsvarietät in Bezug auf interne Funktionen – die sprachliche Situation in Águas Mornas – SC, aus der Perspektive der multidimensionalen und relationalen Dialektologie zu beschreiben. Obwohl es in der südlichen Region Brasiliens in den letzten Jahrzehnten eine hohe Anzahl von Studien zur Zweisprachigkeit gegeben hat, scheint es wichtig, solche Studien auf Regionen auszudehnen, die noch wenig erforscht sind, wie den Grande Florianópolis, genauer gesagt in der Águas Mornas Bezirk, die eine der Wiegen der deutschen Einwanderung im Bundesstaat Santa Catarina (SC) ist. Die vorliegende Forschung ist gerechtfertigt, da sich diese Region angesichts der Realität der deutschen Kolonisation angesichts des mehrsprachigen Szenarios der Individuen dieses Ortes als mehrsprachiges und darüber hinaus multikulturelles Szenario konstituierte. Obwohl es das Ziel der vorangegangenen Nationalisierung Kampagnen der Sprache war, die die Idee "eine Sprache, eine Nation" propagierten, gibt es in den Gemeinden von Águas Mornas immer noch einen zeitgenössischen Kontakt mit der deutschen Sprache im Kontakt mit dem Portugiesischen. Das Instrument der quantitative-qualitativen Forschung besteht aus einem halbstrukturierten Fragebogen, der unterteilt ist in Fragen der Identität – Überprüfung sprachlicher Überzeugungen und Einstellungen – und Fragen nach dem Grad der Zweisprachigkeit, dem Zirkulationskontext und den internen Funktionen, für die Informanten das tödliche Deutsch verwenden. Die Ergebnisse zeigen, dass die meisten linguistischen Hypothesen bestätigt wurden, hauptsächlich in Bezug auf die Bezahlung von Kultur und Minderheitensprache in den jüngeren und städtischen Gruppen. Bestimmte Hypothesen wurden jedoch nicht vollständig bestätigt, wie die Analyse der Lesekompetenz, die sich auch auf einen Teil der jüngeren Generation erstreckte, und die Art und Weise, wie die Befragten die Sprache der Einwanderung sehen, in der die überwiegende Mehrheit der Zielgruppe positive Überzeugungen in Bezug auf die Einwanderungssprache vorbrachte.

Schlagwörter: Dialektdeutsch; Einwanderungssprache; Zweisprachigkeit; Sprachliche Einstellungen.

RÉSUMÉ

La présente étude cherche à décrire – en tenant compte des croyances et des attitudes linguistiques, ainsi que du degré de bilinguisme et du choix de la variété minoritaire ou majoritaire par rapport aux fonctions internes – la situation linguistique à Águas Mornas - SC, du point de vue de la dialectologie multidimensionnelle et relationnelle. Bien que dans la région sud du Brésil, il y ait eu un grand nombre d'études sur le bilinguisme au cours des dernières décennies, il semble important d'étendre ces études à des régions encore peu étudiées, comme la Grande Florianópolis, plus précisément dans la municipalité d'Águas Mornas, qui est l'un des berceaux de l'immigration germanique dans l'État de Santa Catarina (SC). La présente recherche est justifiée puisque cette région, compte tenu de la réalité de la colonisation germanique, s'est constituée comme un scénario multilingue et, plus que cela, multiculturel compte tenu du scénario multilingue des individus de cette localité. Même s'il a été la cible des précédentes campagnes de nationalisation de la langue, qui ont propagé l'idée d'une langue, une nation, il existe encore des contacts contemporains avec la langue allemande au contact du portugais dans les communautés d'Águas Mornas. L'instrument de recherche quantitative-qualitative consiste en un questionnaire semi-structuré, divisé entre des questions d'identité – vérification des croyances et des attitudes linguistiques – et des questions liées au degré de bilinguisme, au contexte de circulation et aux fonctions internes pour lesquelles les informateurs utilisent German Dialectal. Les résultats montrent que la plupart des hypothèses linguistiques ont été confirmées, principalement en ce qui concerne le paiement de la culture et de la langue minoritaire dans les groupes plus jeunes et urbains. Cependant, certaines hypothèses n'ont pas été entièrement confirmées, comme l'analyse de la compétence en lecture, qui s'étendait également à une partie de la jeune génération, et la façon dont les répondants perçoivent la langue d'immigration, dans laquelle la grande majorité du public cible présentait des croyances positives par rapport à la langue d'immigration.

Mots-clés: German Dialectal; Langue d'immigration; Bilinguisme; Attitudes Linguistiques.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	25
2.1 BILINGUISTO: CONTATO E CONTEXO LINGUÍSTICO	25
2.2 LÍNGUAS DOMINANTES E LÍNGUAS NÃO-DOMINANTES FRENTE AOS CONTEXTOS FAMILIAR E SOCIAL	27
2.3 ATITUDE, COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO E IDENTIDADE	33
2.4 PRECEITOS DA DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL	39
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	48
3.1 DIMENSÕES DE ANÁLISE.....	48
3.2 SELEÇÃO DOS INFORMANTES	50
3.3 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS	50
3.4 PROCEDIMENTO DE DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	51
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	52
4.1 LÍNGUA E IDENTIDADE: IMPRESSÃO DOS INFORMANTES SOBRE SUA CONDIÇÃO FRENTE AO PLURILINGUISTO.....	52
4.2 GRAU DE BILINGUISTO/FUNÇÕES DA LÍNGUA.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
REFERÊNCIAS.....	87
ANEXOS	92
Anexo A - Entrevista	92
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	99

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo constitui-se de uma descrição dos aspectos do plurilinguismo alemão dialetal-português no município de Águas Mornas – SC, sob a ótica da Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Cabe dizer que a Região de Sul do Brasil tem sido objeto de diversos estudos sobre bilinguismo ao longo das últimas décadas. Nesse sentido, parece importante expandir tais estudos para regiões ainda pouco investigadas, entre as quais a da Grande Florianópolis, incluindo o município de Águas Mornas, que é um dos berços de imigração alemã no Estado de Santa Catarina (SC).

A linguagem humana concebe mais do que apenas um conjunto de signos utilizados para a comunicação. Ela manifesta também certos aspectos do pensamento do sujeito e, nesse sentido, diante da necessidade de comunicar e de externar pensamentos, eterniza sua existência pela difusão de hábitos e de tradições. E, em contextos de bilinguismo, a língua minoritária convive com uma língua majoritária.

A respeito do contato do português com a língua alemã no Brasil, ressalta-se que os primeiros imigrantes europeus a chegar ao Sul do Brasil foram os alemães (PELUSO JUNIOR. 1991). No Rio Grande do Sul, a partir de 1824, estabeleceram-se na bacia do rio dos Sinos, do Caí, Taquari e, mais tarde, Ibicuí e, em Santa Catarina, a partir de 1829, inicialmente em São Pedro de Alcântara, Antônio Carlos, Águas Mornas e imediações, ao longo do caminho que levava a Lages e, em seguida, ao Norte, na bacia do Itajaí-Açu, e ao Sul, na vertente norte do rio Tubarão.¹ No Rio Grande do Sul, por conta da infertilidade das terras, realizaram sucessivas migrações para áreas maiores da região centro-oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná (IANNI, 1972).

De acordo com Rambo (2011), as migrações foram alavancadas por uma propaganda direta, dirigida aos colonos, valorizando as novas colônias criadas no RS e em SC. De modo geral, essas propagandas se multiplicaram nas velhas colônias do Rio Grande do Sul, cujas terras se encontravam escassas e subdivididas, uma

¹ Cf. Peluso Júnior (1991, p. 255-263).

problemática ligada ao crescimento demográfico, visto que a alternativa das famílias era a subdivisão das propriedades; mesmo que essa prática significasse condenar à miséria as famílias que delas dependiam (RAMBO, 2011).

Cabe lembrar de que o contato linguístico alemão-português figura no sul do Brasil desde os primórdios da imigração alemã para essa região. Para compreender os efeitos das atitudes linguísticas sobre o desenvolvimento do bilinguismo na cidade de Águas Mornas-SC, objeto deste estudo, é necessário conhecer as características gerais da situação histórica e sociolinguística da região, para posteriormente identificar as particularidades linguísticas desse território. No contexto brasileiro, situações de bilinguismo e diglossia têm sido amplamente estudadas, em parte, devido ao componente nacionalista envolvido no uso de línguas e refletidas através delas.

O atual município de Águas Mornas, outrora cognominado “Caldas-do-Norte”, e localidade foco da presente pesquisa, também despontou como berço colonial alemão. Em 1837, fundou-se a Colônia de Vargem Grande, por 44 colonos, sendo 43 alemães e um dinamarquês, que abandonaram a colônia de São Pedro de Alcântara fundada em 1829. A colônia foi estabelecida ao longo da nova estrada de Lages, hoje uma pequena comunidade do município (PHILIPPI, 1995).

Em 1847, teve origem a colônia de Santa Isabel, fundada por 256 imigrantes recém-chegados da Alemanha; contudo apenas 164 se radicaram na colônia. A denominação “Santa Isabel” é uma homenagem à então Princesa D. Isabel. Em meio à mata virgem, entre animais e indígenas, iniciava o imigrante a sua nova vida, na terra que escolheram para seus filhos. Derrubaram a mata e, após queima, lá escolhiam os lugares mais apropriados, próximos às águas para construção de suas novas moradas. Santa Isabel representa a mais antiga colonização evangélica de Santa Catarina (PHILIPPI, 1995).

Diante desse cenário, a iminente pesquisa busca prestar contribuições para as minorias bilíngues, por meio da investigação da dinâmica do plurilinguismo alemão dialetal-português nas comunidades de Águas Mornas – SC.

Mesmo que não necessariamente promova a variedade minoritária, pode-se citar uma medida para promover o bilinguismo na região, ou seja, o ensino da língua alemã, que faz parte de um projeto idealizado pela E.E.B. Conselheiro Manoel

Philippi, localizada no Bairro de Vargem Grande, no município de Águas Mornas-SC, sendo implementado a partir do ensino fundamental. Essa iniciativa permite, de certa forma, que os alunos obtenham um bom domínio do alemão-padrão no final de sua etapa escolar. A presente pesquisa se **justifica**, visto que a Região de Águas Mornas, em Santa Catarina, diante da realidade da colonização alemã, constituiu-se como um cenário multilinguístico e, mais do que isso, multicultural em face do cenário plurilíngue da localidade. Mesmo sendo alvo das pretéritas campanhas de nacionalização do idioma, que propagava a ideia de “uma língua, uma nação”, ainda se convive, contemporaneamente, com a língua de imigração (alemão) em contato como Português nas comunidades de Águas Mornas.

Cabe ressaltar, entretanto, que o plurilinguismo dos descendentes de alemães – hoje vistos como minoritários – mesmo que conservem a língua de seus antepassados e de seu grupo étnico, não parece ser devidamente reconhecido pela sociedade majoritária. Por esse motivo, decidiu-se por analisar a percepção e as atitudes que os próprios falantes têm de sua condição de bilíngues e em que níveis se encontram as competências linguísticas desse público-alvo da pesquisa.

Nesse viés, Horst e Krug (2020) trazem uma discussão sobre os desafios encontrados em face à identidade do plurilíngue desde a infância, apresentando um especial enfoque à língua de imigração (Deutsch/Deutsch) e o alemão (padrão) em contato com a língua portuguesa. Os autores refletem acerca do mito de que crianças que aprendem mais de uma língua precocemente poderiam apresentar dificuldades na escola. Além disso, os autores debatem inclusive questões relacionadas ao preconceito linguístico e à ausência de uma política linguística voltada ao plurilinguismo.

Mais especificamente sobre a Região de Águas Mornas, faz-se importante citar a dissertação de Zimmermann (1981) e, em um contexto geográfico um pouco mais amplo, pode-se aludir às pesquisas de Margotti (2004); Krug (2004, 2011, 2013); Altenhofen et al. (2007); Altenhofen (2008, 2014); Horst (2011), Horst e Krug (2015, 2020); Frosi e Mioranza (1975); e Frosi, Faggion e Dal Corno (2007) que prestaram relevantes contribuições para os estudos pertinentes ao bilinguismo e ao contato linguístico na região sul do Brasil. Zimmermann (1981) apontou para a análise da interferência fonético-fonológica do alemão no português, além de ressaltar outros fatores sociais e identitários inerentes ao bilinguismo na comunidade de

Loeffelscheidt. Os resultados retratam, mediante a descrição do sistema fonêmico do dialeto alemão e do português, a influência do primeiro sobre o segundo (L1 sobre L2), buscando apresentar estratégias para que os professores pudessem minimizar tal situação.

As contribuições de Margotti (2004) evidenciaram que a difusão dos traços relacionados ao português apresentam variação tanto no modo quanto na intensidade. Mais precisamente, no plano diatópico, a difusão mais intensa se dá em Orleans (SC) e em Caxias do Sul (RS); por conseguinte, detectou-se maior resistência à inovação linguística em Rodeio (SC) e em Sananduva (RS). Além disso, diante da dimensão diassocial, percebeu-se que o uso de variantes, sem a interferência do italiano, é representado pelos falantes urbanos, mais jovens e mais escolarizados respectivamente.

A pesquisa de Krug (2004) resultou que a língua – múltipla e variável frente as relações sociais – permanece sendo um importante fator de identificação para os imigrantes analisados. O estudo apontou, ainda, que a identidade linguística que sustenta a manutenção da língua de imigração é mais presente entre os descendentes de alemão do que os italianos.

Krug (2011) analisou os bilíngues teuto-brasileiros considerando a metafonia funcional do português; mais especificamente buscou verificar como os descendentes de alemães aprenderam e/ou se adequaram a esse fenômeno linguístico exclusivamente oral e, nesse sentido, de difícil internalização se não se der por meio da imersão. O atlas proposto por Krug (2013) demonstrou que variadas línguas minoritárias coexistem com o português na região da fronteira, traçando uma descrição desses diferentes modos de falar e das diversas culturas que ali existem.

Altenhofen et al. (2007) buscaram fomentar os fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil, por meio do referido estudo que se insere no projeto ALMA-H (Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch); projetando a estimativa de que essa variedade conte com cerca de 500.000 falantes só no Rio Grande do Sul.

Os resultados de Altenhofen (2008) trazem importantes contribuições no tocantes aos contatos linguísticos, bem como seu papel na composição do português falado no sul do Brasil. Em continuidade, Altenhofen (2014) orienta que fronteiras

políticas e fronteiras linguísticas dificilmente coincidem, ressaltado a urgência em se ampliar a visão sobre o multilinguismo e o plurilinguismo por meio de uma visão pluridimensional.

Importa, ainda, citar a tese de Horst (2011), que realiza um estudo dos termos de parentesco; enfatizando, principalmente, a manutenção ou a substituição dos termos usados pelos descendentes teuto-brasileiros, apontando para a lusitanização dos termos, assim como para a adequação à língua oficial do país em que vivem.

Horst e Krug (2015, p. 176) fizeram uma discussão sobre o papel da língua na constituição étnica e identitária de grupos linguísticos multilíngues em português, italiano e alemão, que se encontram em contato na comunidade de Imigrante (RS). Deliberando que as “identidades étnico-linguísticas variam, na medida em que se constroem essencialmente na identificação com traços linguísticos, carregados de um valor simbólico específico”.

A pesquisa de Horst e Krug (2020), em sua discussão acerca do bilinguismo, retrata que os principais desafios inciam pelo mito de que crianças que adquirem mais de uma língua precocemente poderão apresentar dificuldades na escola; perpassando pela questão do preconceito linguístico e pela defesa da homogeneidade linguística; alçando, inclusive, o problema da falta de uma política linguística voltada ao plurilinguismo.

Sobre a realidade dos contatos linguísticos em áreas de imigração na Região Sul do Brasil, os estudos de Vitalina Frosi e Mioranza (1975) enfocam a importância da língua italiana na Região de Colonização italiana no Rio Grande do Sul. Ou ainda Frosi, Faggion e Dal Corno (2007), que estudaram o binômio prestígio/estigmatização diante de uma perspectiva sociolinguística, em pesquisa realizada na cidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Essas pesquisas oferecem resultados parciais do projeto ESTIGMA, que visa à valorização das línguas e cultura da Região de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul, mais especificamente no Nordeste, o que resultou no indicativo da superação parcial do estigma atualmente, por meio da reconstrução do sentimento étnico e cultural.

Importa enfatizar, consoante Margotti (2004), que a Região Sul do Brasil, em se considerando a diversidade de línguas, é caracterizada, além de diversos outros aspectos, pelo contato linguístico do português com as línguas dos imigrantes

européus que colonizaram a região desde o século XIX. Esses imigrantes ascenderam ao bilinguismo tendo aprendido o português ao longo dos anos e, contemporaneamente, a tendência é sejam monolíngues em português em sua maioria.

O português falado nessas regiões de contato linguístico, a exemplo de Águas Mornas – SC, apresenta particularidades que transparecem na constituição social e étnica dessas áreas; apresentando, então, diferenças específicas em relação ao português falado em outras regiões do país e da variedade padrão subjacente. Cabe mencionar que, independentemente do grupo étnico, o português falado em outras regiões de contato podem apresentar, também, características semelhantes.

Essa análise do bilinguismo em Águas Mornas – SC perpassará principalmente pela consciência de que os falantes/informantes têm das línguas empregadas em cada contexto, algo que pode se enquadrar dentro das crenças e atitudes linguísticas, a fim de identificar as crenças e percepções dos sujeitos diante de uma determinada língua, o que implica no estudo relacionado aos grupos sociais que fazem uso das línguas em questão (Alemão dialetal e Português).

No que concerne ao **problema de pesquisa**, enfoca-se compreender de que modo o plurilinguismo alemão dialetal-português em Águas Mornas– SC opera frente ao entendimento das próprias condições de plurilíngue, às diferentes competências linguísticas e ao contexto de circulação/escolha de/por uma ou outra língua. Nesse sentido, o **objetivo geral** deste trabalho é descrever a situação linguística em Águas Mornas – SC, considerando as crenças e atitudes linguísticas, bem como o grau de bilinguismo e a escolha da variedade minoritária ou majoritária frente às funções internas.

Desse modo, a partir do objetivo central, esse estudo considera os seguintes **objetivos específicos** e as respectivas hipóteses:

- a) Analisar quais línguas são mais utilizadas no contexto das comunidades rurais e urbanas de Águas Mornas – SC;

De modo geral, esse objetivo considera que as línguas mais utilizadas nas comunidades de Águas Mornas serão o Português-BR e alemão dialetal, visto que o

município é caracterizado como área de colonização alemã – inclusive sediando a segunda colônia de imigrantes alemães de SC. As populações que formaram o município, de acordo com Phillipp (1995), eram, em sua maioria, compostas de imigrantes alemães que, no século XIX, deixaram a Alemanha, buscando de uma vida nova no Brasil.

Nesse contexto, a hipótese é de que os dialetos alemães sejam mais falados nas comunidades rurais de Santa Isabel e Teresópolis do que nos bairros urbanos da Sede Municipal e de Santa Cruz da Figueira, onde deve predominar o PB-SC. Tal hipótese tem sustentação e dialoga com os resultados obtidos nos estudos de Horst & Krug (2015), Altenhofen (2004), Krug (2004), Margotti (2004) e Zimmermann (1981).

- b) verificar o grau de bilinguismo dos informantes, assim como as funções internas nas quais se utilizam de uma ou outra variedade (Alemão dialetal ou Português-SC);

As competências linguísticas ligadas à oralidade quanto à dimensão diageracional, de acordo com Krug (2004) e Horst & Krug (2015), dão conta da possibilidade de que os informantes mais velhos (GII) sejam mais proficientes em alemão do que os informantes mais jovens (GI). Nesse sentido, infere-se que os sujeitos que compõem a GI demonstrem uma competência mais passiva, de modo que tenham mais facilidade de compreensão do que de expressão. Importa enfatizar que, no que diz respeito às competências de leitura e escrita, há possibilidade de que sejam mais desenvolvida na GII, visto que durante a infância os informantes de idade mais avançada podem ter experienciado uma convivência com os parentes que liam e escreviam em alemão.

- c) constatar em que contextos (onde, como e quando) a língua de imigração é utilizada;

A língua de imigração está mais restrita ao ambiente familiar e, em menor grau em outros contextos externos. Ao passo que o PB-SC seria mais utilizado no meio

comercial e social, o que inclui estabelecimentos educacionais, as instâncias da saúde, estabelecimentos oficiais e comerciais, consoante apresentou Margotti (2004).

- d) diagnosticar diferenças de crenças e atitudes linguísticas face à utilização de uma ou de outra língua ou variedade linguística;

Partindo da dimensão diatópica, a hipótese é de que os informantes da região rural de Águas Mornas apresentam crenças e atitudes positivas sobre a língua minoritária e crenças e atitudes negativas sobre a língua majoritária. Diferentemente, os informantes dos bairros urbanos demonstrarão crenças e atitudes positivas sobre a língua majoritária e crenças e atitudes negativas sobre a língua minoritária. Tal realidade, conforme Vandekerckhove (2010), as variedades urbanas, grosso modo, podem ser caracterizadas como mais abertas a mudanças em comparação com as línguas rurais.

Naquilo que tange à dimensão diageracional, espera-se que os informantes mais jovens sejam mais inovadores, algo que demonstra, consoante Margotti (2004), que as línguas de imigração tendem a desaparecer gradativamente na GI. Além disso, boa parte disso também se deve, segundo Grosjean (2001), ao fato de que as políticas públicas historicamente proibiram as línguas de imigração em escolas, bem como na vida pública e, além disso, atualmente não valorizam ou incentivam seu uso.

Nessa seara de pensamento, infere-se que bilinguismo/plurilinguismo tende a desaparecer na GI e, destarte, a maioria dos indivíduos se tornará monolíngue em Português-BR. Seguindo essa hipótese, de modo inversamente proporcional, espera-se que a GI permanecera com crenças e atitudes mais positivas no que concerne à cultura e à língua de imigração.

- e) Relacionar as dimensões diatópica, diageracional e diastrática, apontando as crenças e as atitudes linguísticas mais destacadas entre elas.

Nesse ponto, consoante a dimensão diastrática, considera-se a hipótese levantada por Votre (1992), que dá conta de que a variedade de prestígio – por constar nas gramáticas normativas e ser a norma ensinada e aprendida nas instâncias

escolares – será mais valorizada pelos informantes com escolaridade mais elevada em detrimento da variedade estigmatizada (nesse caso, a língua de imigração). Além disso, Labov (2008) teoriza que, quanto maior a escolarização, mais os indivíduos se inclinam à variedade padrão.

Por meio desse objetivo, sustenta-se a hipótese de que as crenças e atitudes linguísticas sejam mais positivas em favor do PB-SC entre os informantes mais escolarizados, mais jovens e urbanos, seguidos pelos indivíduos menos escolarizados, mais jovens e urbanos. Nesse viés, é de se esperar que os informantes menos escolarizados, mais velhos e rurais apresentem crenças e atitudes mais positivas em favor da variedade de imigração, sucedidos pelo grupo dos informantes mais escolarizados, mais velhos e rurais.

O presente trabalho está dividido em 4 (quatro) capítulos, de modo que principia pela introdução e é sucedido pelo referencial teórico, que aborda diretamente de questões pertinentes ao bilinguismo e ao contato linguístico, perpassando pelos aportes que tratam das línguas dominantes e não-dominantes, além dos conceitos de identidade, atitude e comportamento linguístico no contexto da Dialetologia Pluridimensional.

O terceiro capítulo aborda os procedimentos metodológicos em sua totalidade e o quarto capítulo contém a análise e discussão dos dados da pesquisa (entrevista). Por fim, compõem-se as considerações finais, bem como os anexos pertinentes às perguntas da entrevista da pesquisa de campo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 BILINGUISMO: CONTATO E CONTEXTO LINGUÍSTICO

Quando se fala em bilinguismo, é comum pensar no uso ou manuseio de duas línguas no mesmo nível. Precisamente, essa foi a primeira tendência teórica do bilinguismo, em que foi colocada ênfase especial no equilíbrio do nível linguístico de duas línguas. Com o passar do tempo, surgiram estudos cada vez mais complexos e aprofundados, que permitiram identificar dentro do conceito geral diferentes tipos de bilinguismo, dependendo de diversos fatores, como a idade na aquisição de línguas, o nível de uso da língua, o local e a funcionalidade da aprendizagem, entre outros (GROSJEAN, 1982).

O *status* dado a cada língua é determinado por fundo histórico – seja vernáculo, colonial, imigrante, crioulo – além do componente político, inerente ao *status* oficial, nacional, especial; e da tipologia linguística (vernáculo, padronizado, clássico, língua crioula) considerando ainda a língua oral ou etnocultural, língua escrita ou sociopolítica (WÖLCK, 1977).

O contexto linguístico é outro fator relevante; ou seja, é importante diferenciar se o indivíduo vive em um contexto monolíngue ou multilíngue. Ele pode ser compreendido em termos de “comunidades” e de “casa”, divididos entre monolíngues e bilíngues, ou ainda pode ser composto por uma combinação de ambos (MACKEY, 1972).

O contexto de aquisição é igualmente relevante. O interesse é que o contexto de aquisição seja o mais natural possível (DULAY et al., 1982). Assim, o contexto de aquisição é considerado natural (ou informal) se a língua a ser aprendida for falada na comunidade em que o indivíduo vive. Caso não, o contexto de aquisição é considerado formal (ou artificial).

No entanto, também deve ser feita uma distinção entre os contextos originais em que a língua foi aprendida e os contextos posteriores em que foi usada (WÖLCK 1977; ROMAINE, 1995). Cabe mencionar que, quando o contexto de aquisição é natural falamos de aquisição, e quando o contexto é formal/artificial falamos de

aprendizado. Essa distinção é relevante porque há diferenças nos dois tipos de processos.

Fatores não linguísticos que têm uma base linguística referem-se à distância linguística que existe entre as duas línguas em questão. Em algumas situações de contato, pode-se dizer que ocorre uma distância linguística em maiores escalas, tendo em vista a realidade de ocorrência e, ao mesmo tempo, distinções na organização gramatical (ordem os termos da sentença); na organização cognitivo-semântica (língua oral ou língua escrita) e na organização linguística-cultural (língua etnocultural ou linguagem sociopolítica (WÖLCK, 1977).

O conhecimento desses três tipos de organização linguística terá um efeito sobre o tipo de desvios encontrados na fala dos bilíngues/plurilíngues. No conhecimento das línguas, a consciência da norma linguística é igualmente importante por parte dos falantes. Essa consciência da norma linguística não deve ser compreendida em relação à gramaticalidade ou identificação com a variedade padrão, mas no sentido do que a comunidade linguística considera aceitável (ROMAINE, 1995).

Esses padrões de aceitabilidade estão relacionados com o uso específico do idioma. Assim, quando o contexto linguístico é bilíngue e natural, as normas de aceitabilidade estarão mais distantes da norma monolíngue padrão. Quando se trata de um contexto de aquisição monolíngue e natural (ou seja, a segunda língua é a linguagem da comunidade), essas normas de aceitabilidade estarão mais próximas da norma monolíngue padrão, ainda mais se consistir em um contexto formal.

Mackey (1972) observa que, de fato, diferentes grupos de falantes da variedade bilíngue reivindicam diferentes variedades como normas. O uso da língua também tem um efeito sobre o grau de competência que o bilíngue possui em cada uma de suas línguas. No entanto, esse uso da linguagem depende da função que cada idioma tem para o bilíngue que, por sua vez, depende de seu contexto social imediato, por exemplo, casa, comunidade, escola, mídia, mercado, igrejas, escritórios públicos.

Outro fator relevante são as variações na duração da exposição, da intensidade da exposição (frequência) e da “pressão a que o falante é exposto no uso de uma das línguas em relação à outra” (MACKEY, 1972, p. 57). Cabe mencionar que Weinreich

(1953) explica que a “pressão” também é entendida como no sentido da "utilidade" do uso de uma língua em detrimento da outra na comunicação.

Com base nessa tipologia, pode-se descrever a situação de Águas Mornas como uma localidade com bilinguismo social do terceiro tipo, no qual dois grupos linguísticos são identificados, em sua maioria monolíngues em português, mas com um considerável número de indivíduos bilíngues em alemão dialetal e em português. No entanto, é necessário acrescentar um elemento histórico que ajude a compreender e reconhecer a situação do bilinguismo presente nesse lócus.

2.2 LÍNGUAS DOMINANTES E LÍNGUAS NÃO-DOMINANTES FRENTE AOS CONTEXTOS FAMILIAR E SOCIAL

Consoante nos elucida Margotti (2004, p. 78), durante a década de 60, houve o desenvolvimento três grandes modelos teóricos – a sociologia da linguagem, com Joshua Fishman; a etnografia da fala, com Dell Hymes; e a sociolinguística, com William Labov – que se opõem aos ideais chomskianos, defensores da comunidade linguística homogênea e do falante-ouvinte ideal. Naquilo que tange às diferenças, esses pressupostos teóricos sustentavam, basicamente, que a linguística tenderia a entender a linguagem como produto social ou cultural e, desse modo, infere-se que a variação é inerente à própria natureza da linguagem humana.

Destarte, a sociolinguística variacionista de Labov (1972) guia-se por uma concepção de língua como sistema socialmente determinado, de cunho heterogêneo, pelo qual a variação estrutural tem conexão direta com as mudanças nos padrões culturais e ideológicos das comunidades de fala. Nessa seara de pensamento, esse modelo se opõe à compreensão de língua como sistema homogêneo e autônomo que se impõe unitariamente a todos os falantes da comunidade linguística de modo indistinto (MARGOTTI, 2004, p. 78).

Assim, os processos de mudanças contemporâneas ocorridas nas comunidades de fala são essenciais para a Sociolinguística. Cabe dizer que comunidade de fala – diante desse modelo teórico-metodológico – “não deve ser entendida como um grupo de pessoas que falam exatamente igual, mas que

compartilham traços linguísticos que os distinguem de outros grupos”; comunicando-se relativamente mais entre si do que com os demais e compartilhando normas e atitudes diante da utilização da linguagem. (LABOV, 1972; p. 87).

Cabe enfatizar que tal conceito mais flexível admite superar a dicotomia sincronia/ diacronia, construída pelo estruturalismo, visto que a análise sincrônica se fundamenta no conceito de língua aos moldes de um sistema de regras variáveis, em que se opera um contínuo processo de variação e de mudança na estrutura linguística; em se mantendo, contudo, a unidade em meio à heterogeneidade (MARGOTTI, 2004, p. 78).

A virada para o século XXI é certamente um dos momentos da história coletiva dos povos que habitam a terra, em que o multiculturalismo e o multilinguismo são mais discutidos. Esses dois fenômenos, geralmente associados, fazem cada vez mais parte da vida urbana atual, na qual os grupos coexistem no sentido de grupos sociais e étnicos que seguem diferentes modelos culturais para enfrentar as mesmas realidades (THOMASON e KAUFMAN, 1992, p. 43).

A convivência entre esses grupos gera o desaparecimento de culturas simples e singulares que, com o tempo, mudam para sociedades culturalmente complexas. Esta passagem, se por um lado arrasta certas comunidades para a perda de seus particularismos culturais, por outro, é um gerador de sinergias que podem levar ao interculturalismo (THOMASON, 2001, p. 75).

Como exemplo paradigmático da situação, citam-se os migrantes. A intensificação do movimento das pessoas, recentemente facilitada pela abertura de fronteiras, é um fenômeno acelerado do intercâmbio cultural. Mesmo que seja verdade que favoreça a comunicação coletiva, muitas vezes também implica questões profundas de pertencimento individual, o que pode levar a conflitos e crises de identidade.

Inúmeros estudiosos e intelectuais se apoiaram nessa questão e definiram a comunicação intercultural em termos semelhantes aos de Weinreich (1963), de modo que as culturas não possuem membranas impermeáveis; pelo contrário, precisam fazer contato com outras culturas, recebendo delas, por meio da assimilação seletiva, elementos dinâmicos.

Desse modo, desejando melhorar a relação intra e inter-sociedade, vários países, marcados por uma forte densidade de etno-comunidades, desenvolveram políticas linguísticas visando ao pluralismo de aprendizagem e à convivência com diferentes línguas, especialmente aquelas co-presentes em seus espaços nacionais; bem como colocaram em prática políticas de valorização culturais (THOMASON e KAUFMAN, 1992, p. 35).

Essa abertura, de acordo com os autores, é uma esperança para os imigrantes e uma expectativa para seus filhos de modo geral; visto que, assim, vislumbra-se a possibilidade de proteger sua língua materna. Nesse amplo contexto, destaca-se a questão das línguas em contato. É comum dizer que a língua materna é insubstituível por qualquer outra por causa de seu caráter vincutivo à filiação familiar e ao grupo de pares. No entanto, esta questão não parece tão simples ao transferi-la para o seio das populações imigrantes. Assim, pode-se avaliar a diferença nos estatutos atribuídos às línguas co-presentes dentro de um grupo regidos pela variável "idade".

De acordo com Horst e Krug (2020, p. 1276), acredita-se que, quanto antes se aprender uma língua, melhor se dá esse processo. Nesse sentido, é possível pensar que boa parte dessa realidade está relacionada com a própria trajetória de cada sujeito alvo da educação bilíngue no contexto da família.

Nesse viés, segundo King e Mackey (2007), corrobora-se o que foi dito acima, visto que os autores consideram as vantagens de se aprender mais de uma língua durante a infância mediante questões como a própria internalização do sistema fonético da língua, a ausência de preconceitos, a ludicidade, bem como a desenvoltura, mecanismos frutíferos nas crianças.

O fator bilinguismo é, antes de tudo, de natureza social e, muitas vezes, a prática das duas ou mais línguas reflete funções comunicativas complementares; ou seja, a língua dominante pode estar ligada a situações formais e a linguagem minoritária é reservada para experiências informais. Trata-se, portanto, de uma variante particular do bilinguismo, a diglossia, marcada por um desequilíbrio dos estatutos sociopolíticos (CLYNE, 2003, p. 97).

Nesse sentido, é comum ouvir que a língua materna é insubstituível por qualquer outra, por causa de seu caráter vincutivo à filiação familiar e ao grupo de

pares. No entanto, esta questão não parece tão simples se a transferirmos para o seio das populações imigrantes.

A linguística engloba uma ampla gama de fenômenos que evoluem na mesma velocidade que as línguas. Numerosos estudos têm sido realizados em linguística em todo o mundo e as razões pelas quais as línguas mudam são inúmeras e a fonte inexorável disso são as mudanças na sociedade. De modo que as migrações se tornam cada vez mais latentes, produzindo maior contato entre línguas e, conseqüentemente, dão origem a novos fenômenos linguísticos como o contato.

Como apontou Thomason (2001), não se pode dar uma data específica de quando começou o contato entre as línguas, embora deva ser colocada no início da humanidade ou assim que mais de uma língua começou a ser falada. Segundo o autor, as línguas nunca estiveram isoladas, pois existiam contatos entre diferentes grupos de pessoas, tornando evidente o contato entre diferentes línguas.

Assim, de acordo com Hickey (2012, p. 6-7), o contato entre línguas tem sido estudado sob diferentes perspectivas, como o contato em áreas urbanas, o contato linguístico junto com o desaparecimento das línguas, contato de línguas com uma perspectiva sociolinguística etc. O contato entre línguas cooficiais ou línguas de um determinado país também representou um campo de análise significativo. Tome-se, por exemplo o português em contato com as línguas de imigração, como no caso do alemão dialetal.

As migrações também são outro fator essencial que influencia o contato entre as línguas e que proporciona diferentes abordagens no momento de analisar esse contato. Thomason (2001) trata da influência linguística deixada por várias populações migrantes iniciadas no século XIX. Cabe ressaltar que o português brasileiro tem estado em contato com outras línguas, sejam elas línguas cooficiais ou línguas originárias de fluxos migratórios, e as conseqüências dessas situações de contato entre o PB e outras línguas têm sido estudadas.

A esse respeito, Margotti (2004, p. 47) menciona que, ao se tratar de contato e de diversidade linguística, essencialmente levanta-se a ideia de unidade como contraponto. Nesse viés, a abordagem do tema supõe focar os percursos e encontros de línguas que resultam no fato de que o português é a língua do Brasil, considerando a história da colonização do Brasil por Portugal. Desse modo, o PB que

se estabelece como língua materna em relação com as outras línguas diversas (indígenas, africanas, europeias etc.).

Conforme foi ressaltado, nem o contato entre as línguas nem as migrações são algo recente, embora a perspectiva dada a esse contato seja. Até agora, a pesquisa baseava-se principalmente no grande impacto que a decisão de migrar teve sobre os migrantes, uma vez que foram desenraizados por terem que deixar suas casas e países e terem que enfrentar o doloroso processo de ingressar em uma cultura e sociedade diferentes. No entanto, deve-se lembrar que, em muitas migrações, há pelo menos duas línguas em contato, razão pela qual se fala da presença do bilinguismo.

Nesse mote de aquisição das línguas, Romaine (1995 *apud* HORST e KRUG, 2020, p. 1276) estabelece seis tipologias, sobre as quais discorre-se detalhadamente. Nesse cenário, o primeiro tipo admite duas línguas nativas distintas que são faladas no seio familiar, a exemplo da realidade em que o pai fala uma língua com os filhos e a mãe fala outra; porém os pais conversam entre si se utilizando de ambas as línguas. Esse modelo representa a possibilidade de conscientizar os bilingues sobre a arbitrariedade e a noção de domínio de uma língua em relação a outra mediante seu contexto de circulação, visto que o exemplo apresentado trazia a língua da mãe em consonância com a língua usada na sociedade e a do pai somente empregada no contexto da família.

O tipo 2 ilustra línguas domésticas não dominantes, apresentando duas línguas nativas diversas na família, ambas não dominantes. Nesses moldes os pais falam línguas não dominantes em casa, ao passo que a criança aprende a língua dominante na sociedade – com o adendo que um dos membros da família também conhece a língua dominante – algo que direciona para a valorização metalinguística da criança e para o biculturalismo; visto que, para Horst e Krug (2020, p. 1277), cada língua tem a sua cultura independentemente de ser ou não dominante.

Em sequência apresenta-se o tipo 3, que abarca uma língua doméstica não dominante sem apoio da comunidade. Contudo, se compararmos o tipo 3 ao tipo 2, a diferença reside no fato de que ambos os pais se utilizam de uma mesma língua não dominante sem que nenhuma deles conheça a língua dominante; ou seja, a criança entrará em contato com a língua dominante somente na sociedade; mas possivelmente todos os membros familiares a aprenderão pelo contato social; bem

como os pais serão os únicos responsáveis em ensinar a língua de menos prestígio social (ROMAINE, 1995 *apud* HOST e KRUG, 2020, p. 1277).

Ressalta-se, ainda, o tipo 4, em que ocorrem duas línguas domésticas não dominantes sem apoio da comunidade; diferindo do tipo 3, o qual trata de somente uma língua não dominante falada na família e do tipo 2, em que pelo menos um dos pais conhece a língua de prestígio social.

No que cabe ao tipo 5, que contempla o contexto de pais não nativos, os pais apresentam a mesma língua nativa, que é mesma a língua do contexto social. Cabe ressaltar que faz parte desse contexto o ensino de uma língua estrangeira – sob responsabilidade dos pais – para os integrantes da família (ROMAINE, 1995 *apud* HOST e KRUG, 2020, p. 1277-1278).

Ainda consoante os autores mencionados, confere ao tipo 6, a ocorrência de línguas mistas, diante de pais bilíngues em comunidades igualmente bilíngues. Nesse modelo, de modo que ambos os pais tenham domínio das duas línguas, estas acabam sendo misturadas e, dessa forma, são ensinadas para os filhos; originando, possivelmente, um dialeto crioulo, com função social definida. Segundo Horst e Krug (2020, p. 1276), a tipologia descrita por Romaine (2005) abarca realidades diversas muito importantes para se entender os contextos diferenciados em que podem ocorrer o plurilinguismo.

Nesse mote, quando se trata de bilinguismo, sempre haverá uma língua que estará à custa de outra e que desempenhará o papel dominante, chamada de majoritária. No caso de migração, a língua majoritária será a língua do país em que o migrante se encontra e a outra será a língua do migrante, denominada minoritária. Segundo Hickey (2012), tal contato induz a mudança em uma dessas línguas e a pesquisa foi orientada para a segunda língua que os migrantes estavam adquirindo.

Weinreich (1963) insistiu no fato de que os falantes (referindo-se aos migrantes) não alcançaram o *status* de nativos na segunda língua devido à presença diária da primeira língua (L1). Na última década do século passado, pesquisadores afirmaram que aprender uma nova língua afetou a língua existente e, assim, criou um novo sistema linguístico. Destarte, a forma como os bilíngues usam e processam sua língua materna não coincide com a dos monolíngues. Assim, as mentes, línguas e vidas dos usuários de uma segunda língua (L2) são diferentes das dos monolíngues.

Os bilíngues utilizam continuamente a ativação e inibição dos dois sistemas, razão pela qual Thomason e Kaufman (1992) afirmaram que os parâmetros de interferência ocorrem no bilinguismo quando há duas línguas que competem ao mesmo tempo. Portanto, a língua materna dos migrantes começa a notar mudanças e a ser afetada, algo que pode ocorrer também com a língua majoritária.

Segundo o IPOL, há aproximadamente 56 línguas de imigração, também denominadas línguas alóctones. Muitas vezes, estas línguas possuem uma matriz de origem tão longínqua que chega a dificultar sua busca, mesmo com o advento das novas tecnologias. Altenhofen e Margotti (2011, p. 290) ressaltam que as línguas de imigração – nesse contexto caracterizadas como línguas minoritárias em relação à língua nacional (majoritária) – possuem falantes que descendem da quinta ou até da sexta geração e que o processo de adaptação ao novo meio é sustentado por uma longa história em solo brasileiro.

2.3 ATITUDE, COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO E IDENTIDADE

O conceito de atitude tem sido tratado a partir de diversas disciplinas, especialmente da psicologia social e da sociolinguística. Pode-se dizer que existem, segundo Campelo (2019), duas grandes tendências: a mentalista e a comportamentalista. Para a primeira, a atitude é um estado de disposição mental, ou seja, não é diretamente observável; mas, pelo contrário, deve ser inferida. Dada a limitação que essa definição representa para o estudo de atitudes, criou-se uma definição mais ampla. Atitudes, então, são variáveis que preparam as pessoas a reagir a um estímulo especificamente produzido.

Dessa forma, as atitudes seriam uma categoria que media entre crenças e ações. Por outro lado, do ponto de vista comportamentalista, as atitudes são definidas a partir das respostas que os falantes dão em determinadas circunstâncias sociais, sem levar em conta aspectos afetivos ou cognitivos. Em suma, as atitudes seriam os comportamentos observáveis do comportamento de um sujeito (CAMPELO, 2019, p. 90).

Por outro lado, os estudos desenvolvidos por Lambert et al. (1960) sobre as atitudes dos estudantes canadenses em relação ao inglês e ao francês os levaram a

caracterizar esse fenômeno de forma que a atitude tem um componente cognitivo, afetivo e conativo, e consiste, em termos gerais, de uma predisposição psicológica subjacente para agir ou avaliar o comportamento de uma certa forma. A atitude está, portanto, ligada aos valores e crenças de uma pessoa e promove ou desencoraja as escolhas feitas em todos os domínios da atividade, sejam elas acadêmicas ou informais.

Esse conceito se encontra em conexão com o descrito por Lambert e Lambert (1966) no contexto da psicologia social, que define uma atitude como uma forma organizada e coerente de raciocinar, sentir e reagir em face às pessoas, aos grupos, bem como às questões sociais ou, ainda, a qualquer situação ocorrida à nossa volta.

Assim, de acordo com Saville e Troike (2003), uma das razões pelas quais as atitudes linguísticas são de particular interesse para os linguistas é que os indivíduos raramente podem escolher quais atitudes ter em relação à linguagem ou as suas variedades. As atitudes são adquiridas como fator de adesão ao grupo, como parte de um processo de enculturação em uma determinada comunidade de fala e são, portanto, básicas à sua caracterização (tradução nossa).²

Para Funkler, Horst e Krug (2016), as crenças e atitudes linguísticas desempenham um papel extremamente relevante frente às mudanças impelidas a uma língua não-dominante em certas comunidades. Dito de outra forma, as avaliações tanto positivas quanto negativas dos falantes em face às línguas faladas seriam diretamente relacionadas à manutenção ou à substituição dessas línguas em determinados espaços.

Os referidos autores citam o exemplo de Chapecó, no oeste catarinense, região colonizada principalmente por descendentes de italianos, que mantinham comunicação por meio de uma variedade linguística local, o “Talian”. Cabe salientar que as campanhas de nacionalização no Brasil restringiram o uso dessa língua ao ambiente familiar a exemplo do que ocorreu com os dialetos alemães em outras regiões, como no caso de Águas Mornas-SC. Importa dizer que, na atualidade, pode-

² One reason language attitudes are of particular interest to ethnographers is that individuals can seldom choose what attitudes to have toward to language or varieties. Attitudes are acquired as a factor of group membership, as part of a process of enculturation in a particular speech community, and are thus basic to its characterization⁴⁷ (SAVILLE-TROIKE, 2003, p. 183).

se verificar a persistência dessas variantes mesmo que em contextos menos formais de comunicação (uso comunitário).

Importa contextualizar essa política de repressão na Era Vargas, de modo que, em face às ações contra as línguas de imigração, Oliveira (2009, p. 65) delibera que as investidas foram muito violentas equiparadas àquelas lançadas contra as línguas indígenas. Desse modo, esse controle linguístico e cultural de grupos de imigrantes, destilado na época do Estado Novo (1937-1945), edificou-se através da instituição do “crime idiomático”; chegando, inclusive, à prática da tortura de pessoas que se utilizassem de sua língua materna, a exemplo do alemão e do italiano); bem como ao confinamento para imigrantes alemães que persistissem em falar na sua língua materna. Ainda conforme o referido autor, ocorreram campanhas de incentivo para que as crianças denunciassem familiares que usassem a língua de imigração.

É necessário refletir que as atrocidades citadas e infringidas aos imigrantes foram e ainda são pouquíssimo divulgadas no Brasil e, faz-se relevante, também, citar Altenhofen (2004, p. 84), que discorreu sobre medidas menos agressivas, a exemplo do abraqueiramento de certos topônimos das línguas de imigração convertendo-os ao português; assim como a própria composição de colônias mistas, a fim de que a convivência de línguas distintas forçasse os indivíduos ao uso do português.

Em consonância com Funkler, Horst e Krug (2016), Frosi (2005) conceitua as atitudes linguísticas como um fator importante a ser considerado na evolução, permanência e, inclusive, na extinção de uma língua ou de determinada variedade linguística. Nesse mote, uma atitude linguística pode ser compreendida como uma resposta perante o outro, ou seja, caracteriza-se como uma reação favorável ou desfavorável à maneira de falar do outro, considerando sua variedade linguística.

Assim, as atitudes são formas de avaliar ou agir com base em uma série de crenças e valores. Para Van Dijk (1999, p. 112), as atitudes têm as mesmas características, mas são baseadas no conhecimento socialmente compartilhado. Este autor afirma que as atitudes residem na consciência dos indivíduos, fazem parte de seu mundo cognitivo e consistem em uma série de crenças ou opiniões avaliativas gerais que são socialmente compartilhadas por um grupo social. Dessa maneira, são conjuntos específicos e organizados de crenças socialmente compartilhadas.

Nessa mesma perspectiva, Campelo (2019, p.56) considera que, por se tratar de um conjunto de crenças, elas pertencem ao mundo da subjetividade. Essa subjetividade, no entanto, é obtida nos processos de troca comunicativa. Sendo avaliativas, as atitudes expressam uma opinião e não uma facticidade, ou seja, não podem ser avaliadas por meio da verificabilidade. Portanto, as atitudes pertencem ao grupo de crenças avaliativas, ou seja, julgamentos baseados em valores socialmente compartilhados. Esses julgamentos pertencem à ordem moral e não à ordem epistêmica das crenças factuais.

Segundo Lara (2019, p. 55), as atitudes linguísticas têm sido estudadas em detalhes desde a década de 60. Esta mesma autora define esse tipo de atitude como uma manifestação da atitude social dos indivíduos, distinguida pelo foco e encaminhamento especificamente tanto à linguagem quanto ao uso dela feito na sociedade. Assim, as pessoas podem ter atitudes negativas ou positivas em relação à sua própria língua ou em relação ao discurso de outros grupos sociais.

Van Dijk (1999, p. 39-41) assegura que as atitudes linguísticas podem ser entendidas como julgamentos que são feitos em face de uma forma de fala utilizada. No entanto, esses julgamentos não dizem respeito apenas à língua, mas também aos falantes, comportamentos linguísticos de vários tipos, aos símbolos culturais que essas línguas implicam, entre outros elementos.

Em suma, atitudes linguísticas são avaliações, negativas ou positivas, que um falante ou uma comunidade linguística tem sobre uma ou mais línguas e a cultura que transmitem; são julgamentos pelos quais o uso da linguagem do outro ou de si mesmo é qualificado.

Para Van Dijk (1999, p. 42), as atitudes têm quatro características: (1) são bidirecionais, ou seja, influenciam as línguas e as línguas as influenciam. É por isso que são fundamentais na revitalização linguística e na perda de domínios de uso no caso de línguas minoritárias, enquanto as atitudes influenciam o futuro que essas línguas podem ter, seja de manutenção linguística ou morte. Além disso, (2) são dicotômicos: positivos ou negativos, não intermediários, pois isso significaria a ausência de atitude.

Nesse sentido, a maioria dos estudos sobre atitudes descobriu que atitudes negativas em relação às línguas minoritárias, por exemplo, se devem ao seu baixo

prestígio global e à influência da língua majoritária. Por outro lado, (3) as atitudes são individuais e baseadas em crenças socialmente compartilhadas. Por essa característica, acompanhar as atitudes linguísticas de um grupo de falantes significa compreender os códigos sociais que as constroem.

Por fim, (4) não são estáticas, pois mudam devido a fatores como idade, sexo, escolaridade, entre outros. Essa última característica é uma das razões pelas quais sua história de vida é usada para entender as atitudes dos falantes aqui descritos, pois é importante entender como elas mudam.

De acordo com Botassini (2013, p. 2), estudos ligados às crenças e atitudes linguísticas têm apresentado pistas para a compreensão de certas questões que podem perfeitamente estar relacionadas a determinadas atitudes linguísticas demonstradas por um grupo ou por uma comunidade de fala; podendo, logo, refletir diretamente a um dado comportamento linguístico.

Como se pode perceber, atribui-se grande relevância às atitudes linguísticas dos falantes e, nesse sentido, vários aspectos têm chamado atenção de pesquisadores nesse campo de estudos em relação à variedade linguística, ao dialeto, bem como ao estilo de fala; algo que está relacionado com a aquisição de uma nova língua; a uma língua não-dominante específica; a grupos de línguas, comunidades e minorias; considerando, ainda, a atitudes dos interlocutores no seio familiar e na sociedade em si frente ao fator plurilíngue, em conjunto com os contextos de circulação de uma língua específica ou com preferência linguística, entre outros (FERREIRA e AGUILERA, 2021, p. 179-180).

Importa ressaltar que, de acordo com Stella, Aguilera e Corbari (2018, p. 3173), a atitude linguística está intimamente ligada à identidade linguística dos falantes. Nesse viés, a língua não estaria desconectada de seu contexto social, principalmente ao se considerar seu aspecto de constituidor da identidade de certos grupos étnicos, visto que é a língua que representa os limites que separam o “nós” e os “outros”, ao passo que a língua que falamos é fator identificador de nossa origem, de nossa história, edificando nossa cultura e o grupo a qual pertencemos.

Consoante Krug (2004, p. 3), o comportamento linguístico pode ser visto “como uma manifestação da interação comunicativa do falante; no entanto, é bem mais que uma simples codificação de uma mensagem”. Ressalta-se que o comportamento

linguístico tende a expressar a identificação que se tem com o interlocutor com quem se está interagindo.

Nesses moldes, cumpre elucidar que a intenção comunicativa vai além da mera interpretação da mensagem, visto que é “através da comunicação que moldamos o que somos perante o outro e vice-versa”. Desse modo, é lícito dizer que o falante bilíngue proficiente em duas línguas, ou em duas “variedades linguísticas”, é provido de um repertório que lhe habilita a trabalhar com inúmeros sentidos. Destarte, no ato da comunicação, o bilíngue transmite valores e julgamentos vinculados a sua mensagem (KRUG, 2004, p. 3).

Em continuidade, importa ressaltar alguns importantes trabalhos que tratam das temáticas relacionadas às atitudes e identidades linguísticas no sul do Brasil; a exemplo da pesquisa desenvolvida por Finger (2008, p. 75) que revelou a ideia de que a língua dos imigrantes seria vista erroneamente por alguns como a culpada pelo fracasso escolar, inclusive pelas dificuldades de se aprender o português.

Trata-se de uma realidade em que a língua não-padrão falada pelo aluno é responsabilizada por todos os pequenos insucessos escolares e sociais do aluno. Faz-se, justamente, o processo inverso, muito cômodo, porém incoerente. Defrontar-se com dificuldades é inerente ao ato de aprender. Assim, o diagnóstico de dificuldades deve ser compreendido não como um veredicto que irá punir a identidade linguística do aluno, mas sim como uma análise da sua situação escolar atual, em função das condições de ensino que estejam sendo oferecida.

Outro importante referencial para essa temática é composto pelas pesquisas de Bunse e Klassmann (1969), que investigaram as línguas sobre o enfoque da dialetologia no Rio Grande do Sul, sendo muito importantes para as primeiras sondagens que posteriormente serviriam de base para o Atlas Linguístico do Rio Grande do Sul.

Mais especificamente sobre a identidade linguística e o contato entre o português e o dialeto Hunsrückisch no sul do Brasil, Spinassé e Käfer (2017) trouxeram resultados de uma pesquisa-ação empreendida em duas escolas de diferentes comunidades que se servem do dialeto Hunsrückisch. O trabalho das

pesquisadoras buscou utilizar a conscientização linguística a fim de despertar a sensibilidade e o respeito considerando as diferentes variedades.

A referida da pesquisa apontou caminhos que contribuíram para o estabelecimento de atitudes positivas dos falantes da língua perante essa diversidade linguística em que se encontra; considerando, ainda, as línguas minoritárias, além de pensar sobre os fundamentos em face de uma Didática voltada ao Multilinguismo, permitindo partir das línguas e culturas e alcançando o aprendizado de outras línguas que possam vir a despertar o interesse.

2.4 PRECEITOS DA DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL

A fim de compreender as bases teóricas da Dialetoologia Pluridimensional, importa discutir algumas das dimensões consideradas para tal sustentação, a exemplo dimensão de natureza dialingual (alemão/português), diatópica (topoestático), diatópica-cinética (topostático/topodinâmico), diastrática (classe alta/classe baixa), diageracional (geração II/geração I), diassexual (mulheres/homens), diafásica (conversa livre/questionário/leitura), diarreferencial (fala “objetiva”/fala metalinguística) (THUN, 2005, p. 127).

A geografia linguística nasceu na segunda metade do século XIX como uma reação aos postulados sobre a regularidade da mudança fonética da neogramática. Chambers e Trudgill (1994) e Coseriu (1985) tradicionalmente a definem como o estudo cartográfico dos falares populares, tendo em mente que o objeto deste método linguístico são os dialetos. Esse entendimento tem sido a base dos estudos da geografia linguística no mundo hispânico e da definição desse método e disciplina como tal.

Como uma aliada da Dialetoologia, a Geolinguística busca apresentar, de forma ordenada, em mapas linguísticos, a distribuição espacial dos fatos linguísticos; ou seja, mapear as variações linguísticas em um determinado território, para então estabelecer sua difusão e particularidades de grupo em áreas dialetais, não só dos discursos populares, mas da variação linguística em geral. Para Coseriu (1985), a Geolinguística designa exclusivamente um método dialetológico e comparativo, que

pressupõe o registro em mapas espaciais de um número relativamente grande de formas linguísticas (fônicas, léxicas ou gramaticais).

Com o desenvolvimento da Dialetoologia, o surgimento de outras disciplinas interessadas na variação linguística – a Sociolinguística, principalmente – e o reconhecimento de que a linguagem muda também em relação ao grupo social que a fala, o estudo da variação é estendido à esfera social. Embora, tais abordagens não são exclusivamente inéditas, pode-se falar em dialetos verticais, de modo que a linguagem é composta de uma vasta complexidade de dialetos mutuamente influenciados e uma sobreposição de dialetos sociais (ALVAR LÓPEZ, 1983, p. 45).

O autor supramencionado observa que, para ser justo, deve-se imediatamente acrescentar que a separação do estudo vertical e horizontal é simplesmente uma abstração científica baseada em necessidades metodológicas, uma vez que cada dialeto só existe em realidade síncrona como um conjunto de ambas as dimensões e até mesmo, que no curso de uma interpretação que adicionamos à questão. Além disso, o dialeto também tem uma terceira dimensão, ou seja, a diacrônica.

No início dos anos 80, observa-se que as barreiras dialetais, antes fáceis de reconhecer, são apagadas de acordo com fenômenos sociais como a migração, e que outras variantes em diferentes dimensões podem ser formadas, uma vez que as necessidades de comunidades linguísticas mudam e se diferenciam de outras, o que parece ser uma constante do comportamento humano.

Nesse sentido, questiona-se a ideia central da geografia linguística, até então realizada apesar do reconhecimento da variação social, de trabalhar com mapas linguísticos que explicam apenas o fenômeno diatópico e, como resultado, a pesquisa é orientada para outros níveis como social ou diastrática, diassexual, diageracional, entre outros.

Essa expansão das dimensões ocorre com a combinação da dimensão diatópica com a diastrática e diageracional, em projetos avançados como o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), bem como no Atlas Histórico e Diastrático Linguístico do Uruguai (ADDU). A integração dos parâmetros permite superar problemas de representação e limitações da geografia linguística tradicional (monodimensional) por um lado e, por outro, mostrar como as dimensões diatópicas, diastráticas e diafásicas interagem na variação da língua.

Para Radtke e Thun (1996, p. 41), a integração da dimensão diageracional com a diatópica, faz com que a Geolinguística satisfaça sua antiga aspiração de tornar a diacronia visível nos mapas e permite a análise de situações complexas de contato linguístico. Além disso, supera o problema de trabalhar apenas com informantes mais velhos como era a tradição, o que levou as variantes dos jovens a não se refletirem nos estudos, como criticaram Chambers e Trudgill (1994, p. 37).

Outra mudança foi a incorporação da dimensão diassexual que leva à representação igualitária da variável sexo, que permite comparar a variação linguística entre mulheres e homens. Isso supera o critério tradicional de informantes masculinos. Radtke e Thun (1996, p. 42), ao apresentar a incorporação deste parâmetro, apontam que não se conhecia nenhum estudo dialetal que contrastasse o parâmetro diassexual de forma explícita e sistemática nos mapas entre os atlas linguísticos já publicados até aquela época.

A dimensão diafásica (estilística), como Radtke e Thun (1996) reconhecem, é importante, mas, ao mesmo tempo, extremamente complexa. Essa dimensão foi abordada no ADDU contrastando três fases ou estilos (geralmente em fenômenos de ordem fônica): leitura, respostas a perguntas de questionário e conversa livre/direcionada. No entanto, os mesmos autores afirmam que o registro e a investigação de uma variação diafásica de maior amplitude devem ser deixados para estudos especiais.

Além das dimensões acima na Dialectologia Pluridimensional moderna, a dimensão dialingual é relevante nos estudos dialetológicos em contextos nos quais coexistem línguas e variedades uma vez que ocorre influência mútua entre si (RADTKE e THUN, 1996, p. 41-42).

Em síntese, a Dialectologia, de acordo com os fundamentos teórico-metodológicos da Dialectologia Pluridimensional, é um método de investigação linguística e que considera distintas dimensões, além da diatópica. Esse método dialetológico e comparativo incorpora à dimensão diatópica tradicional outras dimensões, entre as quais a diastrática, a diageracional, a diassexual, a dialingual, a diarreferencial, a diafásica e respectivos parâmetros, com vistas a aprofundar e a responder de forma ampla e sistemática, os conhecimentos sobre variação e mudança linguísticas.

Infere-se, pois, que a Dialetologia Pluridimensional é produto do refinamento do método dos pretéritos estudos dialetológicos. Assim, essa ciência, que se constitui com base nos fundamentos teórico-metodológicos da Dialetologia Pluridimensional, visa a superar as limitações da linguística tradicional e, como disciplina, é responsável pela revitalização dos estudos dialetológicos nessa área linguística.

A Dialetologia Pluridimensional, como dito anteriormente, busca explicar a variação linguística frente a aspectos internos à própria língua, bem como aos distintos fatores sociais. Para isso, utiliza representações dos elementos de estudo em mapas que, por terem material linguístico como objeto, têm sido chamados mapas linguísticos. Um conjunto de mapas linguísticos de uma determinada comunidade forma um atlas linguístico.

Segundo Coseriu (1985), há uma contribuição muito positiva da Geolinguística para a análise da Dialetologia Pluridimensional, mostrando as isoglossas de tais fenômenos e, assim, fornecendo uma base objetiva para o estabelecimento de variedades dialetais, o que dificilmente poderia ser considerado como um inventário completo de uma língua em qualquer um de seus aspectos, uma vez que o atlas apresenta apenas uma amostra ou seleção de fenômenos que podem traçar isoglossas relevantes; por isso a importância da fusão de ambos os tipos de estudo.

Para Coseriu (1985, p. 83), a Dialetologia constitui um inventário de formas linguísticas; revelando uma relação entre a história linguística, fatores geográficos, sociais e geopolíticos. Nesse viés, pode-se dizer que os estudos dialetológicos podem apontar, inclusive, o avanço ou recuo das palavras, as fórmulas de compromisso às quais a convivência leva e oferecem a possibilidade de aventurar previsões, ao mesmo tempo em que informam sobre os caminhos da adoção ou rejeição dos empréstimos lexicais, como no caso da expressão “uma vez” proveniente de “en mo/eine mal”³ no português em contato com o dialeto alemão de Águas Mornas-SC.

Sobre essa temática, pode-se ressaltar os trabalhos de Ruscheinsky (2014) e de Krug, Ruscheinsky e Horst (2019), cujo objetivo foi analisar os usos da palavra “mal” na língua alemã, traçando comparações com possíveis traduções para a língua portuguesa. Nesse sentido, descreveu-se o uso da variante “uma vez” no português

³ En mo é a grafia recomendada por Altenhoffen (2007) considerando o alemão dialetal/Eine mal é a grafia no alemão de variedade considerada padrão.

em Itapiranga e São João do Oeste, no oeste catarinense; com forte presença de falantes do alemão Hunsrückisch como língua de imigração.

Por meio de estudos dessa natureza, permite-se corroborar a existência de certas formas, como duas ou mais formas coexistem e como outras estão sendo reduzidas; nesse sentido, tornam-se um instrumento muito valioso para novas pesquisas e, como um todo, esses dados podem permitir a confirmação ou refutação de hipóteses linguísticas, bem como a delimitação de áreas dialetais.

Para ilustrar essa importância da Dialetologia para outros estudos de natureza mais geográfica, como destaca Coseriu (1985, p. 83-84), os mapas, por si sós, não refletem toda a fala correspondente a uma língua. E, isso, não só por causa do contato um tanto artificial que se estabelece entre o falante e pesquisador por meio de um questionário fixado com antecedência, não apenas por causa das inevitáveis limitações materiais, mas também porque apenas determinado momento histórico é investigado e, em cada caso, apenas um momento de fala.

Nesse sentido, os atlas linguísticos tornam-se documentos para o estudo da história da linguagem ao longo do tempo. Os dados representam um estado de linguagem e são amostras de certas variantes dialetais que podem ter sido apagadas no tempo também.

Coseriu (1985) também aponta como limitações dos atlas o fato de que a variedade horizontal que eles revelam esquematicamente não é toda a variedade da língua, visto que há também uma variedade vertical, entre estratos sociais e culturais, e na fala do mesmo indivíduo, de acordo com as diferentes situações e os diferentes momentos expressivos e, portanto, o que se reflete nos mapas traduz apenas um recorte da fala.

Nesse sentido, a Dialetologia Pluridimensional pode abordar variáveis linguísticas em diferentes dimensões, sejam elas diatópica, diastrática, diafásica, diageracional, diassexual, entre outras. Isso permite a apresentação dos dados em diferentes formatos. Em suma, tais estudos representam uma verdadeira imagem sinóptica de fatos linguísticos em sua distribuição geográfica e nos estratos sociais, podendo ainda incluir diferentes estilos de fala, fornecendo indícios de certos de variação que podem levar a um trabalho mais profundo.

A geografia linguística busca uma base empírica para tirar conclusões sobre a variedade linguística que ocorre em um determinado território (CHAMBERS e TRUDGILL, 1994, p. 38). Dessa forma, segue os procedimentos típicos de trabalho de campo em disciplinas como antropologia, etnografia e sociologia.

Seguindo Coseriu (1985), o método da Dialetoлогия envolve, entre outras etapas, os seguintes procedimentos e estágios:

- a) Etapa preparatória: inclui a seleção de pontos a serem investigados, a compilação do questionário e o estabelecimento de princípios metodológicos e técnicos. É necessário que o pesquisador conheça com antecedência os fenômenos identificados na comunidade ou, caso contrário, aplique testes-piloto exploratórios que permitam a formulação do questionário definitivo. A seleção dos pontos de pesquisa envolve uma série de fatores econômico-sociais, político-administrativos, demográficos, históricos e culturais que determinam a rede de localidades a serem investigadas. No estabelecimento de princípios metodológicos e técnicos, considera-se o projeto será implementado por um único pesquisador ou por uma equipe, a preparação fonética e os diacríticos convencionais a serem utilizados nas transcrições ou na discussão das variáveis por nível, os mecanismos de seleção de informantes, os tipos de questionário etc.;
- b) Etapa de coleta de materiais: é feita por meio de questionário, que é aplicado em todos os pontos da rede. Atualmente é comum gravar as entrevistas em suporte magnético digital e outras mídias para sua eventual transcrição e análise;
- c) Estudo e interpretação do material fornecido: consiste na descrição dos dados coletados e seu contraste para fins explicativos.

Cabe esclarecer que os pontos da rede são constituídos pelo número total de localidades a serem investigadas. Estudar todas as comunidades em um território é praticamente impossível; é altamente ineficiente devido ao uso excessivo de recursos e geralmente é desnecessário. Trabalha-se, portanto, com uma amostra. Montes Giraldo (1987, p. 91-93) define os seguintes parâmetros como requisitos básicos para a definição de amostras-localidades:

- a) Que as localidades estejam mais ou menos distribuídas uniformemente por todo o território;

- b) Que a localidade tenha idade suficiente para ter uma tradição linguística comum;
- c) Ter um mínimo de autonomia ou vida própria;
- d) Que haja possibilidades de acesso à localidade.

Cabe lembrar que, dependendo da natureza do estudo e das características da região, será definida a maior ou menor densidade da rede (MONTES GIRALDO, 1987, p. 94). Além disso, deve ser levado em consideração, da mesma forma, se o trabalho será de amplo domínio ou se será regional, ao passo que um estudo de um grande domínio deve ter uma rede muito clara para ser abrangente, mas então ele pode até perder em precisão.

Convém lembrar das contribuições dos projetos ALERS (2011) e o ADDU (2000), por exemplo, que, além de aspectos sociais, também levam em conta a diferenciação diatópica entre o campo e a cidade, ampliando a representatividade. A conjugação desses parâmetros, juntamente com o conhecimento das variáveis reconhecidas do território em estudo, permitem definir uma rede de pontos consistentes e com níveis aceitáveis de representação.

Em face da pluralidade e do perfil de informantes, os estudos dialetológicos clássicos consideram que os informantes tinham que cumprir o perfil básico NORM (non-mobile, older, rural, male ou Topoestático, idoso, rural e homem), que consiste em: sedentário, para garantir que a fala fosse característica do local; mais velho, para refletir o discurso de uma era passada; rural para evitar mobilidade e fluxo urbano, e homens, porque no Ocidente a fala das mulheres tende a ser mais cuidadosa (CHAMBERS e TRUDGILL, 1998, p. 30).

O critério não migratório é relativizado com a bifurcação da dimensão diatópica em informantes topoestáticos e topodinâmicos, tendo em vista a estabilidade dos informantes, em termos de seu local de residência; idosos param de trabalhar com a incorporação do parâmetro diageracional; rural com oposição na dimensão diatópica do campo-cidade; e a amostra se torna mais completa a partir do reconhecimento da variação da linguagem de acordo com o sexo e a incorporação do parâmetro diassexual (RADTKE e THUN, 1996, p. 43).

Além disso, a consideração das variáveis diastráticas e diafásicas, na Dialetologia implica necessariamente outros parâmetros para informantes, como o nível de escolaridade e a situação comunicativa (formal-informal). Nesse mote, outras características tradicionais necessárias são mantidas, como o domínio das faculdades mentais, a vontade de participar e uma dentição completa, sendo que este último é importante mormente na área fonética.

No que tange ao fator pluralidade, a Dialetologia Pluridimensional trabalha com uma pluralidade de informantes, distanciando-se em parte do modelo tradicional de informante único (COSERIU, 1985, p. 65). O procedimento antigo, segundo o qual trabalha com um informante principal e outro ou outros, é complementado por Radtke e Thun (1996, p. 179) com duas modalidades possíveis:

- a) Pluralidade simultânea: vários informantes que respondem aos mesmos parâmetros respondem ao questionário, em caso de questionário estruturado ou semiestruturado, ou conversam entre si, em caso de entrevista aberta. Supõe-se que os informantes se complementam e corrijam uns aos outros para que os dados, além das divergências, possam apontar para o consenso.
- b) Pluralidade sucessiva: consiste em administrar o questionário completo em paralelo, mas entrevistar os informantes separadamente. Ao contrário da modalidade anterior, nesse modelo o pesquisador ainda tem um monopólio metalinguístico.

Cabe enfatizar que essas modalidades, por sua própria natureza em que os informantes se opõem, permitem identificar se ocorrem polimorfismos e polifonias dentro dos grupos de informantes, o que leva a um melhor reconhecimento da variação. No que tange aos questionários e às entrevistas, a natureza do método requer levantamento direto e unitário em uma rede de pontos de um determinado território; exceto na aplicação de entrevistas abertas ou em estudos da dimensão diafásica, que não a requerem, como na leitura, de acordo com Coseriu (1985, p. 10). Assim, a pesquisa é realizada por meio da administração de um questionário escrito a partir do objeto de estudo com o nível ou níveis da língua a ser investigada (fonético, léxico e gramatical).

De acordo com Alvar López (1983, p. 101) no Atlas Linguístico da Itália (1940) a pluralidade de questionários (um básico e um expandido) foi introduzida pela primeira vez. No caso dos atlas nacionais (grandes domínios), isso é necessário (no nível léxico) para alcançar a generalidade em todo o território e especificidade de acordo com áreas ou regiões.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 DIMENSÕES DE ANÁLISE

De acordo com os preceitos da Dialectologia Pluridimensional, a pesquisa linguística inclui distintas dimensões, além da dimensão diatópica, que considera a possibilidade de comparar dados linguísticos de uma determinada área geográfica com dados de outra área geográfica, de falantes mais velhos com falantes mais jovens, de homens e mulheres, de mais escolarizados com menos escolarizados, de falantes urbanos com falantes rurais, de falantes topoestáticos com falantes topodinâmicos, de bilíngues com monolíngues, em diferentes estilos de interação, além de consideração percepções e avaliações dos usuários da língua etc.

No caso da presente pesquisa, pretende-se coletar dados em área urbana e confrontá-los com dados coletados em áreas rurais de Águas Mornas. Além disso, também considera comparar dados de fala de diferentes faixas etárias (dimensão diageracional) e de diferentes níveis de escolaridade (dimensão diastrática).

Nesta pesquisa, também foi feita comparação de crenças e atitudes linguísticas de duas faixas etárias. A geração mais nova, doravante (GI), contemplará informantes entre 18 e 36 anos de idade, ao passo que a geração mais velha, doravante GII, inclui informantes acima de 55 anos. São 02 indivíduos da GI e 02 indivíduos da GII em cada ponto de pesquisa, sendo 02 pontos na área urbana (bairros de Santa Cruz da Figueira e Sede municipal) e 02 pontos na área rural (localidades Santa Isabel e Teresópolis).

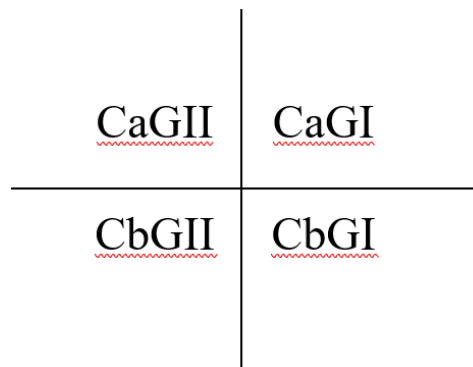
Foram selecionados informantes que tivessem algum grau de bilinguismo alemão dialetal-Português, ainda que passivo (entende, mas não fala) e que pertencessem a famílias nas quais há falantes de alemão dialetal. Quanto à escolaridade, os informantes foram estratificados entre terem cursado o Ensino Fundamental (Cb) ou terem o Ensino Médio (Ca). Desse modo, a amostra foi composta por 16 informantes, conforme demonstra nos Quadros 1 e 2.

Quadro 1 - Perfil dos informantes em cada um dos pontos de pesquisa

Nº	PONTOS DE PESQUISA	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE
1	Urbano (01)	GI	Ensino Fundamental (Cb)
2		GI	Ensino Médio (Ca)
3		GII	Ensino Fundamental (Cb)
4		GII	Ensino Médio (Ca)
5	Urbano (02)	GI	Ensino Fundamental (Cb)
6		GI	Ensino Médio (Ca)
7		GII	Ensino Fundamental (Cb)
8		GII	Ensino Médio (Ca)
9	Rural (03)	GI	Ensino Fundamental (Cb)
10		GI	Ensino Médio (Ca)
11		GII	Ensino Fundamental (Cb)
12		GII	Ensino Médio (Ca)
13	Rural (04)	GI	Ensino Fundamental (Cb)
14		GI	Ensino Médio (Ca)
15		GII	Ensino Fundamental (Cb)
16		GII	Ensino Médio (Ca)

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Quadro 2 - Esquema da pesquisa



Fonte: Thun (2009, p 142).

3.2 SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Os informantes do grupo de controle foram selecionados considerando seu consentimento de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A seleção dos informantes ocorreu por meio de um levantamento junto às comunidades rurais e urbanas de Águas Mornas – SC e de acordo com o perfil estabelecido. Além disso, os informantes selecionados para a mostra são teuto-brasileiros, filhos de pais nascidos e domiciliados no município de Águas Mornas ou em áreas próximas onde houve assentamento de imigrantes alemães desde o século XIX. Os informantes são todos naturais de Águas Mornas e sempre viveram no município, admitindo um afastamento não superior a 05 anos.

3.3 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS

O instrumento de pesquisa (Anexo1) é um questionário semiestruturado que foi aplicado aos informantes previamente selecionados. A fim de realizar as entrevistas, lançamos mão de um questionário base elaborado a partir da pesquisa de Margotti (2004), também com contribuições do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: missões no Brasil e misiones na Argentina (KRUG e HORST, 2022).

O questionário está dividido entre questões de identidade – as questões desse elemento se relacionam com a identidade do informante, com seus anseios em relação às línguas, bem como a sua origem. Destarte, o informante respondeu questões como: “Em que língua você gosta de conversar mais?”; “Como pensa que as pessoas de fora veem os das comunidades daqui?”.

Houve, também uma parte relativa à identificação de padrões identitários – seção cujo objetivo reside em se verificar a variação, assim como a intensidade da identidade e a forma como o informante vê a si e aos outros. Nesse tópico, os entrevistados responderam questões a exemplo de “o que identifica o alemão típico daqui?”.

Na parte que trata do papel da língua na constituição da identidade, os informantes prestaram informações sobre a variedade de alemão que usam e como eles se sentem em relação a ela. Também perguntamos aos informantes sobre o grau de importância de os filhos aprenderem alemão. No que tange à seção inerente ao grau de bilinguismo dos informantes da comunidade diante do reconhecimento da identidade, investigaram-se os contextos e funções nos quais e para os quais os informantes usam a língua alemã.

3.4 PROCEDIMENTO DE DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados considerando uma abordagem quali-quantitativa, visto que parte das respostas dos informantes da amostra foi discutida analiticamente de modo qualitativo e outra parcela dos dados foi apresentada por meio da quantificação dos dados, incluindo tabelas, quadros e gráficos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os dados das respostas com conteúdo mais objetivo serão apresentados em formato de gráficos e tabelas e as informações com características discursivas (abertas) serão tratadas por meio de citações diretas e indiretas das falas dos informantes. No que tange à identificação dos informantes e a representação da dimensão diatópica, a distinção será realizada da seguinte forma: UrbA- Bairro Centro, UrbB- Santa Cruz da Figueira, RurA- Santa Isabel, RurB- Teresópolis.

Cabe ressaltar que, quando não houver distinções consideráveis entre as diferentes categorias de informantes, bem como entre as diferentes dimensões, ou seja, sempre que os resultados forem muito semelhantes, a análise será conduzida de modo que sejam realçados os aspectos mais relevantes.

4.1 LÍNGUA E IDENTIDADE: IMPRESSÃO DOS INFORMANTES SOBRE SUA CONDIÇÃO FRENTE AO PLURILINGUISMO

Quando questionados se acaso se consideram bilíngues, os informantes responderam de modo simplificado, conforme demonstrado na tabela abaixo:

Quadro 3 - Informantes que se consideram bilíngues

	Sim	Não
Inf 1 – CbGI-UrbA	x	
Inf 2 – CaGI-UrbA	x	
Inf 3 – CbGII-UrbA	x	
Inf 4 – CaGII-UrbA	x	
Inf 5 – CbGI-UrbB		x
Inf 6 – CaGI-UrbB	x	
Inf 7 – CbGII-UrbB	x	

Inf 8 – CaGII-UrbB	x	
Inf 9 – CbGI-RurA		x
Inf 10 – CaGI-RurA		x
Inf 11 – CbGII-RurA	x	
Inf 12 – CaGII-RurA	x	
Inf 13 – CbGI-RurB	x	
Inf 14 – CaGI-RurB		x
Inf 15 – CbGII-RurB	x	
Inf 16 – CaGII-RurB	x	
TOTAL	12	4

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A grande maioria do público-alvo se considera bilíngue, ao passo que 4 informantes não se veem como tal, sendo que todos que responderam não serem bilíngues pertencem à GI. Trata-se de uma constatação que, segundo Margotti (2004, p. 242) está ligada à ideia de que, ao longo do processo da colonização no Sul do Brasil até os dias atuais, os indivíduos passaram da condição de monolíngues em sua língua materna – nesse caso o alemão dialetal – para a condição de bilíngues e, de modo progressivo, constata-se que vão se tornando novamente monolíngues, porém em português, o que pode estar ligado a esse senso de pertencimento/identidade.

Neste sentido, cita-se a fala do Inf 16 – CaGII-RurB, visto que esse informante revela que:

Quando eu era pequeno assim, me lembro que minha “oma”⁴ só falava em alemão com minha mãe e meu pai e com a gente também uma vez [...] *Quem seria “a gente”?* Eu e meus irmãos e meus primos [...]

⁴ Em Águas Mornas, é comum o uso de “Mutter” para avó e “Vater” para avô entre os indivíduos da GI e, ao que parece, não se trata diretamente de uma redução de Großmutter e Großvater, mas sim a reprodução de como os pais se referenciam aos seus respectivos genitores (avós), o que indica que esses falantes falam pouco alemão ou são indivíduos que apresentam um uso mais passivo da língua (entendem, mas falam pouco). Além disso, usa-se “mama” e “papa” para os pais diretamente e “oma/i” e “opa/i” para Avó e Avô em um tratamento mais íntimo, como no caso de avós que residem junto à família.

Daí o tempo foi passando e até os dezoito anos quando eu saí de casa pra trabalhar na obra a gente ainda falava bastante né [...] depois foi sendo falado cada vez menos. *Você ainda fala com seus filhos em alemão?* Aí depende né, às vezes falo em alemão com eles sim, mas falo mais com minha mulher assim [...] ela gosta mais de falar em alemão que em brasileiro (Inf 16 – CaGII-RurB).

Uma das hipóteses possíveis de serem elencadas aqui seria o fenômeno do *Shift* linguístico, que se distingue da erosão linguística⁵, pois, dentre os variados fatores, o *shift* ocorre de uma geração para outra (dimensão diageracional), em que o uso da L2 vai prevalecendo sobre a L1 em comunidade de imigrantes. Desse modo, pode-se dizer que este é o *shift* linguístico, ou seja, quando a L1 é gradualmente substituída pela L2. Esse processo pode perpassar por várias fases, podendo ocasionar inclusive a extinção de línguas de migrantes.

Quando questionados sobre a diferença do alemão da Alemanha e o falado na sua localidade/colônia alguns informantes não souberam responder mais claramente sobre essa questão metalinguística, outras respostas demonstraram semelhanças entre si. Sobre os informantes da GII, quase todos, com exceção do Inf 3_CbGII-UrbA e do Inf 11_CbGII-RurA, alegaram saber que havia distinções entre as duas variedades do alemão, sendo que o Inf 8_CaGII-UrbB acrescentou que:

é engraçado isso, porque tem palavra que as pessoas não sabe dizer em alemão e elas usa as palavra do brasileiro pra colocar no alemão”. *Pode dar um exemplo?* Sim, vamo vê [...] a palavra “consulta” (médica), a maioria aqui na colônia usa dizer “consultia”, mas acho que em alemão da Alemanha não é assim que se diz. *Tem mais alguma palavra que você se lembre que usam do brasileiro?* Hum, deixa eu pensá uma vez [...] tem baste assim[...] quando a gente tem que capinar alguma coisa na roça a gente diz “Ich muss capina⁶” (Inf 8_CaGII-UrbB).

Como se pode verificar pelos dados dos informantes, conforme o exemplo citado “consultia” (consultiere) e “capina”, parecem termos que servem aos falantes quando desconhecem alguma palavra no alemão dialetal. Anna de Fina (2000) alude a esse contexto em que ocorre a implicação de uma L2 na L1 do indivíduo.

⁵ De acordo com Köpke e Schmid (2004, p. 5), a erosão linguística se distingue do shift linguístico devido ao fato de aquela ocorrer intragerações e esta acontecer de modo intergeracional.

⁶ Capinar=hacken/jacken

Cabe dizer que esse fenômeno ocorre mediante os processos que induzem as línguas dos imigrantes a sofrerem alterações até se tornarem variedades caracterizadas como mistas; ou seja, algo que se configura em sistemas tanto diferentes da L1, de origem dos falantes, quanto da L2 com a qual têm contato nas regiões hóspedes segundo a referida autora supracitada.

Como se pode ver, o contato entre dois sistemas diferentes leva o falante a misturar as duas línguas, seja em nível fonológico, seja em nível morfossintático ou lexical. Mediante isso, a L2 acaba por produzir interferências, provocando mudanças na L1. Tal situação, de acordo com a autora, representa uma estratégia – com maior ou menor grau de consciência – em face do enriquecimento lexical, da eficácia comunicativa, da compensação ou, ainda, de variação estilística. Importa mencionar que esse fenômeno é o mesmo que leva ao empréstimo para a L1 de palavras da L2.

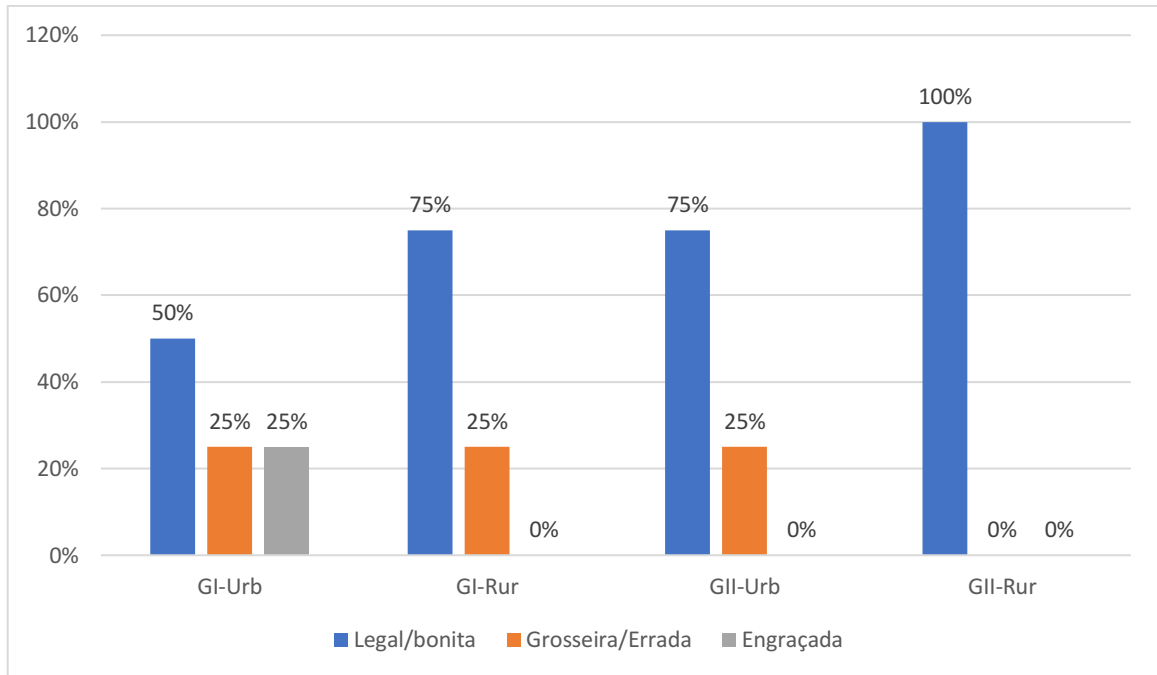
Ainda nesse sentido, o Inf 3_CbGII-UrbA, que costuma falar alemão em casa frequentemente, respondeu que:

o alemão falado aqui tem gente que chama de “Hunsrückish”, que significa assim lombo de cachorro né (risos), minha Großmutter falava o alemão mais puro da Alemanha e sabia ler e escrever em alemão e ensinou um pouco pra gente.

A maioria dos informantes da GI, a exemplo do Inf 1_CbGI-UrbA, Inf 2_CaGI-UrbA, Inf 6_CaGI-UrbB, Inf 10_CaGI-RurA e Inf 13_CbGI-RurB, comentaram que tinham conhecimento de que havia diferenças, mas que não poderiam precisar exatamente quais são. Os informantes Inf 5_CbGI-UrbB, Inf 9_CbGI-RurA e Inf 14_CaGI-RurB responderam que há diferenças entre algumas palavras e na ordem em que as palavras aparecem nas frases. Esse entendimento se deu, muito provavelmente, porque esses indivíduos estudam o alemão padrão na escola.

Ao se questionar como cada um dos informantes avalia o alemão em termos de tipo de língua falada no lugar, os dados provenientes das respostas geraram o gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Como os informantes veem a língua alemã



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Observa-se no Gráfico 1 que não houve relevante diferença quanto à dimensão diastrática, uma vez que, nos quatro grupos, os dados demonstram que a ampla maioria dos entrevistados avalia o alemão dialetal positivamente, considerando a língua alemã entre as características “legal” e “bonita”, o que confirma a hipótese levantada para essa questão. Mas também constatou-se avaliação negativa, exceto entre os falantes da GII-Rur. Entre os que avaliam o alemão dialetal negativamente, 25% dos entrevistados consideram-na grosseira, e o grupo GI-Urb julga o alemão dialetal falado na comunidade mais negativamente, classificando-o, além de 25% como grosseira/errada, outros 25% consideram a língua alemã como engraçada.

Cabe enfatizar que, provavelmente, por conta dos comentários pejorativos de pessoas alheias à língua e à cultura alemã, e por conta das políticas públicas que não valorizam essa variedade, pequena parcela de $\frac{1}{4}$ dos informantes a vê como grosseira/errada ou engraçada, exceto os entrevistados da GII-Rur. Para ilustrar esse tópico, faz-se relevante descrever a fala de alguns informantes dos grupos pesquisados:

Eu acho o alemão bonito, porque é uma língua que mostra assim de onde a gente veio né [...] a gente mesmo não, mas nossas origem uma

vez [...] a gente lá em casa tem orgulho de falar alemão (Inf 11_CbGII-RurA).

Pra mim, o alemão é engraçado, às vezes parece que as pessoa tão discutindo, mas tão falando coisas normal (risos) [...] tem gente que fica escutando os mais velho falá alemão e fica rindo escondido (Inf 6_CaGI-UrbB).

Eu tenho um pouco de vergonha de falar em alemão, quem fala muito em alemão fala o brasileiro mais puxado sabe? Tem gente que fica rindo e imitando os outrô que fala (Inf 2_CaGI-UrbA).

A fala do informante Inf 6_CaGI-UrbB dá conta de que existe a percepção em face do nível supra-segmental, ao aludir ao tom elevado da conversação. Além disso, a exemplo do que nos elucida Margotti (2004, p. 245), a evidência da variação linguística parece mais fácil para os membros de outras comunidades de fala. Além disso, ao se comparar com os outros falantes e confrontar sua linguagem com a linguagem dos demais, o indivíduo percebe, de certo modo, que sua fala é composta por traços distintos da língua falada por outras pessoas do lugar ou de fora.

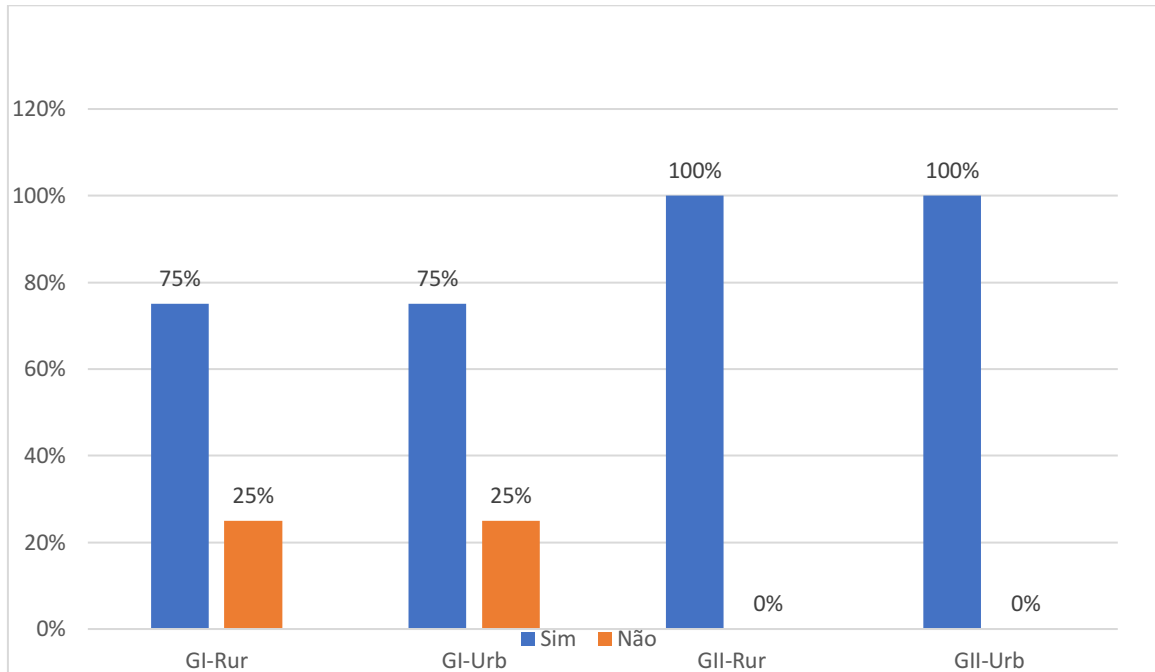
Nesse viés, Krug (2004, p. 52-53) acrescenta que fica evidente a consciência de que, ao se falar uma variedade minoritária, nesse caso o alemão dialetal, revela-se um sentimento de identificação com determinado meio ou grupo. Destarte, o contexto de morar no Brasil, de falar o português, além de estar constantemente expostos aos meios de comunicação – que noticiam e publicam todo o conteúdo em língua portuguesa – considerando a sociedade e todas as esferas de circulação (trabalho, escola, enfim, quase todos os lugares), a língua portuguesa, majoritária, impele muitos descendentes de imigrantes alemães a abandonarem a variedade minoritária em favor do português.

Nessa seara de pensamentos, ainda consoante o autor supracitado, os informantes da GII parecem reconhecer, mais fortemente, a importância da manutenção da variedade minoritária, visto que, quando deixam de falar a variedade minoritária/imigrante, igualmente estão deixando subtrair valores identitários e, conseqüentemente, culturais.

Referente ao questionamento sobre se os informantes acham importante que os pais transmitam o alemão para as novas gerações, as respostas não apresentaram maiores distinções entre a dimensão diastrática e nem entre os diferentes pontos A e

B. Assim, optou-se em apresentar os dados conforme as 4 categorias descritas no gráfico 2.

Gráfico 2 - Importância de transmitir o alemão dialetal para as futuras gerações



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Como se vê, as respostas geraram proporções bem semelhantes entre as diferentes categorias, com grande vantagem para o “sim”, principalmente considerando os informantes da GII-Rur e GII-Urb. Além disso, os informantes da GI-Urb e GI-Rur apresentaram os menores índices quanto à resposta positiva, perfazendo um resultado que demonstra que a dimensão diageracional teve mais peso do que a diatópica nesse quesito.

Ao selecionar a fala de alguns informantes sobre os porquês, tem-se:

Tipo assim, minha família alguns ainda fala em alemão, meus tio e primos mais velhos falam bastante até [...] só que não sei aonde que vô usá o alemão. Deixa explicá, eu não vejo muito uso pro alemão fora de casa [...] (Inf 1_CbGI-UrbA).

Olha moço, sempre achei melho fala mais de uma língua sabe?[...] o alemão, se ele não for passado pra frente, vai morrendo né? (Inf 9_CbGI-RurA).

Eu aprendi desde pequeno e meus filho também, sei que tem gente que não acha importante, mas é sim. O exemplo da escola da Vargem Grande é muito bom lá eles tem aula de alemão e isso faz os aluno assim se desenvolver mais no alemão que já vem de casa (Inf 16_CaGII-RurB).

Representado o pensamento da minoria dos entrevistados, o Inf 1_CbGI-UrbA justifica a escolha pelo “não” alegando desconhecer a aplicabilidade da língua alemã no contexto social externo ao ambiente familiar. O Inf 9_CbGI-RurA e o Inf 16_CaGII-RurB ressaltaram a relevância da continuidade do alemão dialetal entre as gerações, sendo que este último enfatizou que as aulas de alemão padrão na Escola de Educação Básica Conselheiro Manoel Philippi também servem como fator determinante para a manutenção e valorização da língua e cultura dos imigrantes.

De modo análogo ao que ocorre com o estudo de Krug (2004) e de Margotti (2004), pode-se inferir que os informantes têm noção do decréscimo da variedade minoritária. Nesse mote, em escala gradual, a identidade linguística minoritária parece perder espaço para uma identidade focada na variedade padrão dominante. No que tange aos principais motivos para tal situação, os resultados parecem seguir a hipótese de que, geração após geração, existe uma diminuição no fator “conservação” da língua étnica.

Por meio de perguntas abertas, menos objetivas, os informantes foram arguidos sobre a identidade cultural e sobre a valorização da língua alemã. Ao serem questionados sobre a existência de alguma festa cultural alemã, todos os entrevistados responderam positivamente, dizendo que existem tais festividades, seja nos salões das igrejas das comunidades, como também na sede administrativa do município, local onde acontece a “Stammtisch” (festa da amizade) anualmente.

O informante Inf 11_CbGII-RurA salientou que:

A gente pode ver assim festa alemã memo é a aquela que eles faz lá em Águas Morna (sede), a “Stammtisch”, daí lá tem as músicas, as comidas da Alemanha, bastante chopp, quase que nem é lá na “Oktoberfest” lá em Blumenau né. Daí, nas comunidade, tem as festa de igreja católica e algumas evangélica que tem mais assim as comida né, e nas festa assim tem gente que conversa em alemão também [...].

Quando perguntados sobre a realidade da valorização da cultura alemã no município e se acham isso importante, as respostas foram bem semelhantes, independente das categorias dos informantes. A maior parte (81,5%) considera importante manter as tradições culturais dos imigrantes, mas considera que são insuficientes as ações para que isso ocorra. Cabe mencionar, ainda, que 12,5% também veem a importância dessa manutenção das tradições germânicas, porém acrescentaram que as ações do poder público são suficientes para que isso aconteça e 6,25% (equivalente a um informante) não souberam responder ou preferiram não opinar sobre o assunto.

O informante Inf 3_CbGII-UrbA ressaltou que:

Olha rapaz, não tô querendo falar mal do prefeito ou dos vereador uma vez, mas podia ter mais coisa pra mostrar como é importante dá valor assim pras tradição. Lá em São Pedro (de Alcântara), eu sei porque eu já trabalhei pra lá, tem assim [...] que eu me lembro bem mais festa e feira na rua [...] quero dizer na praça sabe?.

Nesse sentido, a exemplo do que já ocorre em outras regiões de imigração, como em São Pedro de Alcântara (primeira colônia de imigração alemã de SC e que tem a festa que abre o calendário de festividades teuto-brasileiras no estado, a Oktobertanz), Águas Mornas, município que abarca a segunda colônia alemã de SC (Santa Isabel), ainda prescinde de políticas públicas voltadas ao resgate e ao desenvolvimento da cultura alemã assim como também foi descrito no trabalho de Margotti (2004), que investigou a difusão da língua e da cultura italiana em localidades do RS e SC.

Ao serem entrevistados sobre o que pensam sobre ter orgulho, ou vergonha, de seu modo de falar, as maiores diferenças estão nas dimensões diageracional e diatópica, visto que os indivíduos da GI-Urb disseram ter certa vergonha de falar o alemão em 25% dos casos. Dos informantes da GI-Rur e GII-Urb, todos comentaram ter orgulho de falar a língua alemã.

Sobre os motivos para a opção escolhida, os informantes disseram que:

Pra mim dizer a verdade, eu tenho um pouco de vergonha sim [...] os que não fala alemão fica rindo e às vezes eles ficam fazendo piada com nossa cara e chama nós de alemão batata (Inf 5_CbGI-UrbB).

Eu me lembro que já tive vergonha quando eu ia na escola [...] uma coisa que não me sai da cabeça é que tinha uma professora de não queria a gente falasse em alemão na escola [...] *Mas hoje em dia como você se sente?* Não sinto mais envergonhado não né, eu falo alemão em casa e até na praça quando vou jogar dominó (Inf 8_CaGII-UrbB).

A gente aqui em casa tem muito orgulho de falar em alemão uma vez [...] por causa que fomos ensinados pelos meus pais a não ter vergonha de nossa origem (Inf 11_CbGII-RurA).

A exemplo do que descrito por Margotti (2004), essa estigmatização do alemão tem raízes mais profundas do que parece, visto que, ao mesmo tempo que o português desponta como um capital simbólico para os imigrantes mais abastados e urbanizados, realidade que transpareceu em vista da ascensão social, sua língua materna perdeu prestígio e, conseqüentemente, os colonos que a falavam foram alvo de preconceito linguístico. De acordo com o referido autor, nesse ponto reside a origem do sentimento de vergonha ou medo de falar, tanto na sua língua ou seu dialeto quanto no português marcado por interferências da L1.

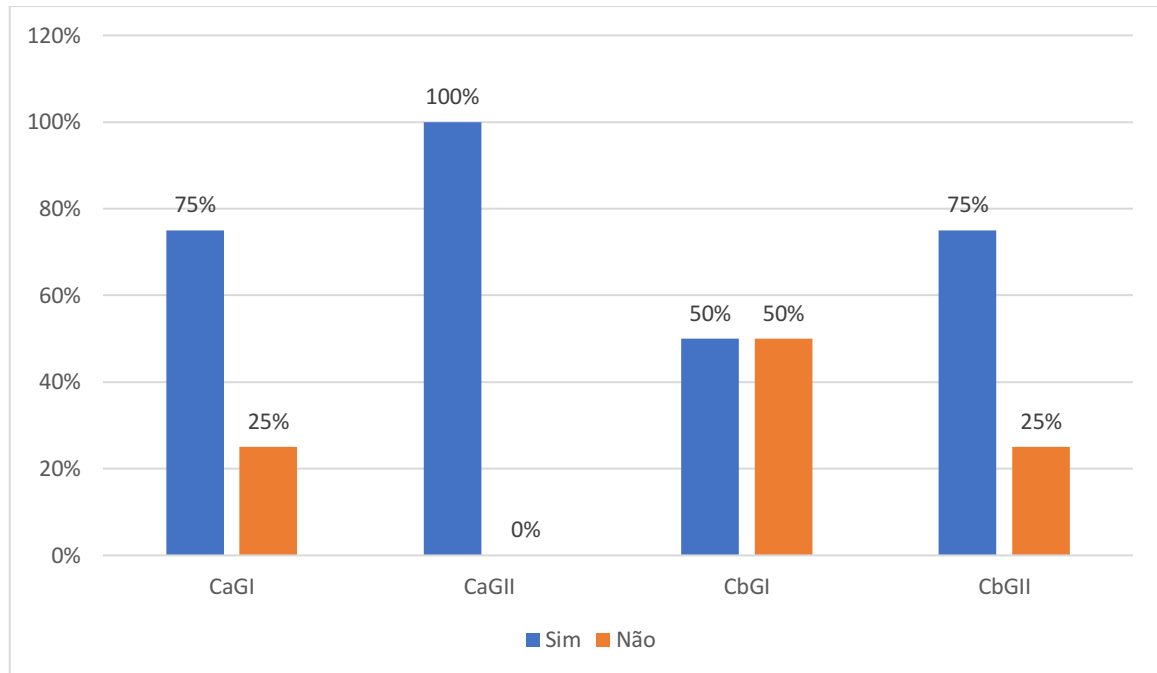
Corroborando com isso, conforme Thim-Mabrey (2003 *apud* Krug, 2004, p. 50, certos indivíduos parecem se identificar com determinada língua por conta do envolvimento com questões nacionais, sociopolíticas e culturais, algo que se direciona a um contexto de *status* ao se escolher pelo uso de uma variedade majoritária ou minoritária.

Além disso, segundo Horst e Krug (2015, p. 175), considerando o contexto de bilinguismo/plurilinguismo societal e as já citadas tensões sociais que atuam sobre os falantes, apresentam fatores distintos, abarcando atitudes discriminatórias e, conseqüentemente, gerando sentimentos de inferioridade e de exclusão. Contudo, há um viés oposto, ou seja, o (res)surgimento de uma postura de reconhecimento, de familiaridade e de uma certa cumplicidade entre os indivíduos da comunidade que comungam da mesma língua e/ou da situação de contato.

A respeito do que os informantes pensam sobre seu modo de falar, mais especificamente no que concerne ao português falado na comunidade e se possui

características que o diferenciam do português falado em outros lugares, os indivíduos responderam primeiramente se percebiam essas diferenças, conforme o gráfico 3.

Gráfico 3 - Percepção das diferenças entre o português falado na comunidade em relação ao falado em outros lugares



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Como os resultados não mostraram divergências considerando a dimensão diatópica (rural/urbano), optou-se por apresentar as categorias conforme a divisão apresentada no gráfico, dando ênfase às dimensões diastráticas (escolaridade) e diageracional (faixa etária). Nesse sentido, os mais escolarizados apresentaram um maior entendimento epilinguístico no que tange às diferenças entre o português em contato com o alemão dialetal e outras variedades do português, a exemplo do que ocorreu nos estudos de Margotti (2004) e de Krug (2004).

Cabe ressaltar que os falantes mais velhos apresentaram índices maiores de percepção das diferenças entre o modo de falar português em Águas Mornas em comparação com o português falado nesse e em outros lugares por dois motivos ao menos: primeiramente a situação histórica-social de ter enfrentado, no passado, a proibição de usar a língua étnica no período do Governo de Getúlio Vargas, quando se implantou, inclusive a nacionalização do ensino, a que se acrescentou a

estigmatização devido à Segunda Guerra Mundial, na qual a Alemanha nazista esteve envolvida; e, em segundo lugar, devido à condição de o alemão ser, em geral, a língua materna e o português ser a língua adicionada.

Diferentemente, os mais jovens aprenderam alemão dialetal simultaneamente com o português e, eventualmente, são falantes passivos do alemão. Nesse caso, sendo os mais velhos mais proficientes em alemão, o português de contato falado por eles é mais marcado pelo contato com o alemão dialetal do que o português falado pelos mais jovens. O processo histórico de transmissão intergeracional demonstra que no passado os teuto-brasileiros adquiriam primeiramente o alemão dialetal e, posteriormente, o português. De modo diferente, em tempos mais recentes, as gerações mais jovens adquiriram as duas línguas simultaneamente ou, no mais das vezes, apenas o português.

Quando questionados sobre quais seriam as diferenças que podem ser percebida entre as variedades do português, alguns informantes responderam da seguinte forma:

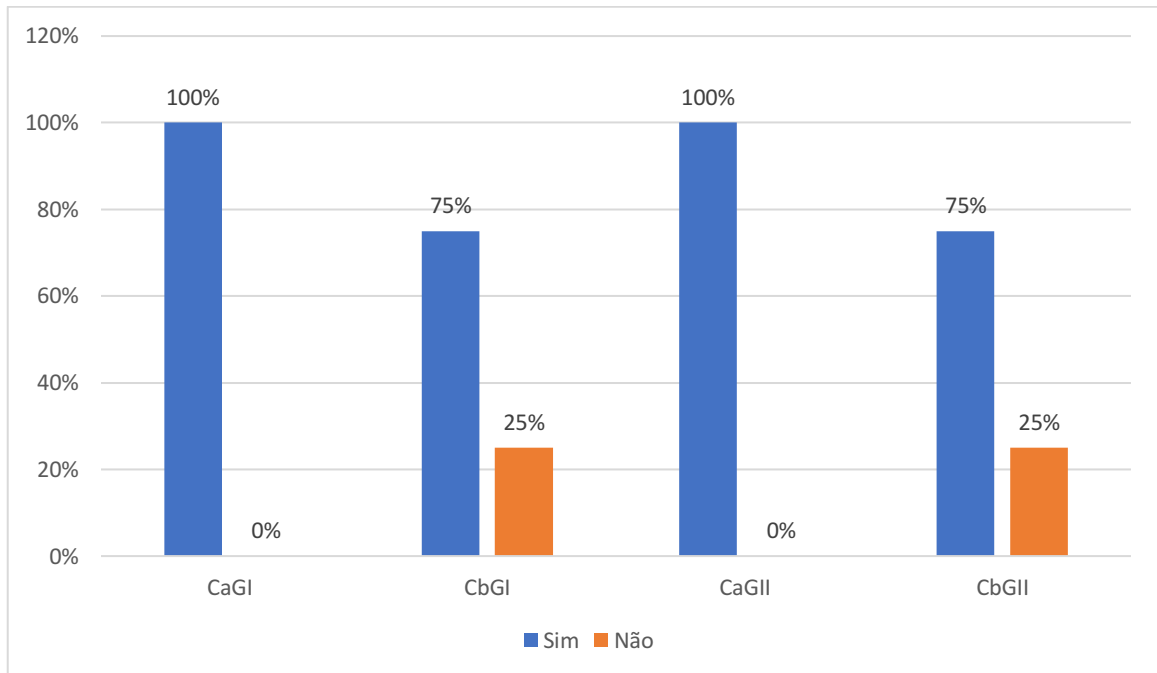
Eu percebo que as pessoa daqui falam um pouco puxado, meio arrastado [...] *você se refere ao sotaque somente?* Na verdade, tem mais coisa né [...] a gente consegue ver assim que os mais velhos, que são os que fala mais alemão, eles parece que troca as letra [...] *Pode dar algum exemplo?* Sim, deixa eu vê [...] *barriga/parrica; Deus/Teus; Gente/Xente* [...] (Inf 8_CaGII-UrbB).

Meu vizinho ele fala bem puxado pro alemão assim, eu escuto ele conversando com meu pai e, às vezes, ele mistura umas palavra do alemão também [...] *Consegue lembrar de um exemplo?* Quando ele fica admirado com alguma coisa, responde “ne, ne, ne, mein Got eine mal” (não, não, não, meu Deus uma vez) (Inf 5_CbGI-UrbB).

As falas dos informantes mencionados aludem aos níveis morfológico e léxico respectivamente, mas existem situações que poderiam ser citadas nos níveis sintáticos também. Chama-se atenção para a fala do Inf 5_CbGI-UrbB, em que ele cita a expressão “eine mal” que é muito comum até em português (uma vez), usada em final de frase; principalmente para dar ênfase ao que foi dito, perfazendo um marcador discursivo que pode ser melhor estudado em futuras pesquisas.

Com relação à importância de saber falar alemão e sobre as vantagens em se falar mais de uma língua, a maior parte dos informantes manifestou-se favoravelmente ao domínio e uso de mais de uma língua, no caso, das línguas alemã e portuguesa. Consoante as respostas do público-alvo, elaborou-se o gráfico 4.

Gráfico 4 - Possíveis vantagens de ser bilingue/plurilíngue



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Em face dos dados apresentados, infere-se que a ampla maioria, independente da categoria de informantes, atesta os benefícios de se falar mais de uma língua, com uma pequena variação maior para a dimensão diastrática, ou seja, 100% dos informantes mais escolarizados consideram que ser bilíngue ou plurilíngue é vantajoso e, entre os menos escolarizados, 25% deles não veem vantagem em saber mais de uma língua. Os resultados demonstram que os indivíduos com mais escolaridade tem uma consciência linguística ampliada, compreendendo os benefícios de se falar mais de uma língua, que vão desde aspectos socioculturais até os fatores econômicos.

4.2 GRAU DE BILINGUISMO/FUNÇÕES DA LÍNGUA

No que se relaciona às línguas que os informantes falam, entendem, lêem ou escrevem, após verificar que todos os informantes são proficientes nas quatro habilidade/competências do português (falar, entender, ler e escrever), questionou-se os entrevistados sobre tais competências na língua alemã. Nesse sentido, os informantes da GII-Rur se apresentam com um maior grau de bilinguismo, como pode ser verificado no quadro 4.

Além disso, não há maiores distinções em se considerando as características dos pontos (ou seja entre RurA/RurB e UrbA/UrbB) e somente o Inf 7 – CbGII-UrbB citou outras línguas além do alemão (espanhol). Ressalta-se que outras possibilidades como entende/lê ou lê/escreve não tiveram ocorrências, motivo pelo qual se analisou mais especificamente a língua alemã, o que também pode ser verificado no quadro 4.

Quadro 4 - Habilidades/competências apresentadas pelos informantes

Categorias	Habilidades/grau de bilinguismo			
	Apenas entende	Fala Entende	Entende Fala Lê	Entende Fala Lê Escreve
CaGI-Rur		X	X	
CaGI-Urb	X		X	
CbGI-Rur		XX		
CbGI-Urb	X	X		
CaGII-Rur		X		X
CaGII-Urb		X	X	
CbGII-Rur		XX		

CbGII-Urb		XX		
-----------	--	----	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Visto que cada grupo descrito conta com dois informantes, optou-se por dispor os resultados desse questionamento em forma de quadro. Como é possível analisar, em consonância com as hipóteses linguísticas, existe uma relação direta entre as dimensões diatópica (rural/urbano), diageracional (faixa etária) e diastrática (escolaridade) e os níveis de bilinguismo.

Percebe-se que, de modo geral, os grupos apresentam mais incidência de pessoas que “falam/entendem” o alemão com relação às que apenas “entendem” e às demais habilidades. Em segunda análise, importa refletir sobre as dimensões diageracional, diatópica e diastrática, ressaltando que o informante da amostra do grupo CaGI-Urb que “entende/fala/lê representa o ponto UrbB.

Tal distinção deve ocorrer devido ao fato de que, nessa comunidade UrbB (Santa Cruz da Figueira), os informantes com mais escolaridade e da geração mais jovem frequentou aulas regulares de língua alemã tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio na escola, algo que não ocorreu com a amostra do ponto UrbA. Cabe elucidar que essa distinção não ocorreu no grupo CaGI-Rur (A ou B) visto que ambas as comunidades frequentaram e ainda frequentam a escola em que há aulas de alemão padrão.

Ainda em se tratando das habilidades “somente fala/entende/lê” e “fala/entende/lê/escreve”, agora analisando a GII, pode-se inferir que o fator escolaridade mais elevada⁷ tem maior relevância em comparação com a dimensão diatópica.

Nesse sentido, ao verificar o uso e conhecimento da língua alemã em face da dimensão diastrática, é lícito dizer que há uma tendência em favor da “Ca” (mais escolarizados), no que diz respeito à leitura e à escrita em comparando com os

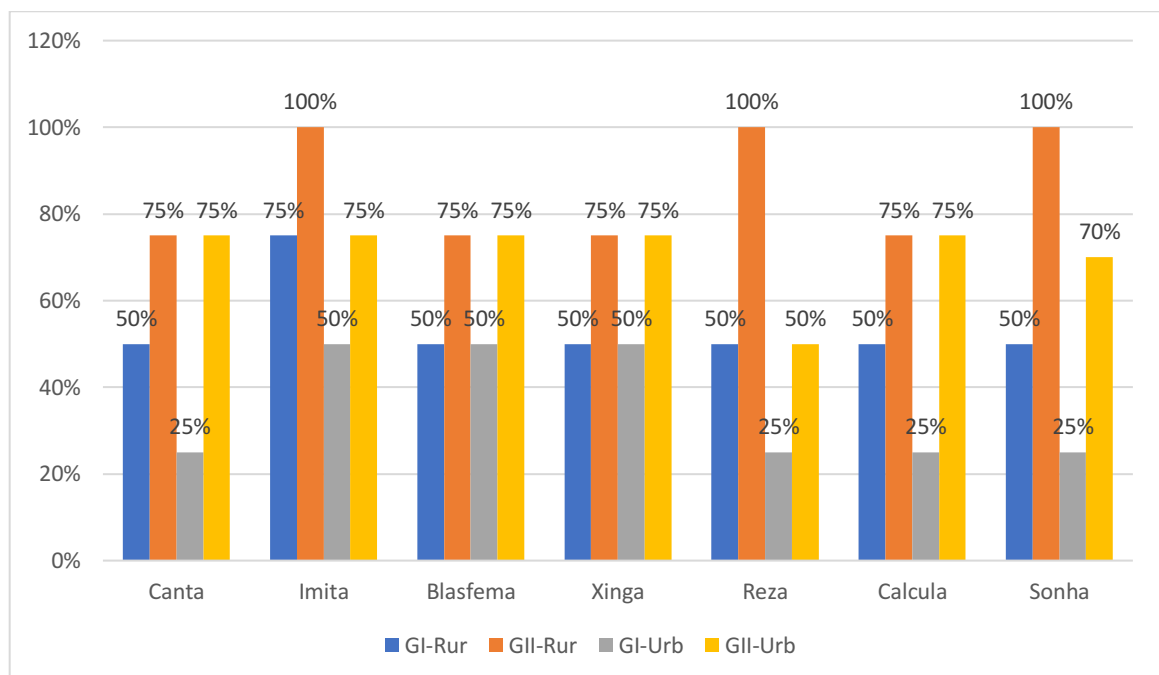
⁷ Esclarece-se que o nível diastrático, no presente trabalho, analisa especificamente o quesito escolaridade, sem adentrar na questão da condição econômica; ao passo que, nas localidades pesquisadas, o fator impeditivo para a continuidade dos estudos estava mais ligada às questões geográficas (distância das escolas) do que econômicas naquela época.

informantes menos escolarizados (Cb), com o adendo de que, nas referidas habilidades, o informante teve contato com alemão padrão além da variedade dialetal.

Dito de outra forma, conforme Krug (2004), pode-se inferir que a amostra da “Ca” é provido de um maior acesso à cultura e, conseqüentemente, à literatura, desenvolvendo mais gosto pela leitura do que os informantes da Cb. Além disso, para fins de sustentar a exceção, o Informante Inf 12_CaGII-RurA, que contempla as quatro habilidades, é professor de língua alemã.

No intuito de aprofundar mais o entendimento do grau de bilinguismo dos informantes, buscou-se investigar em que outras funções internas o público-alvo usa a língua alemã para além das quatro competências/habilidades verificadas acima. Os dados coletados resultaram no gráfico 5.

Gráfico 5 - Funções internas e o uso do alemão dialetal



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Consoante as respostas dos informantes, nesse caso, num total de quatro indivíduos por grupo descrito, a categoria GII-Rur apresentou os maiores índices em todas as funções analisadas, seguida pela amostra GII-Urb, algo que comprova que a dimensão diageracional é determinante para o grau de bilinguismo em Águas

Mornas. Além disso, a dimensão diatópica também tem importante papel nos resultados demonstrados, visto que a GI-Rur supera a categoria GI-Urb em todas as funções em análise, exceto em blasfemar e xingar, nas quais os informantes rurais e urbanos mais jovens ficaram com o escore igual de 50%.

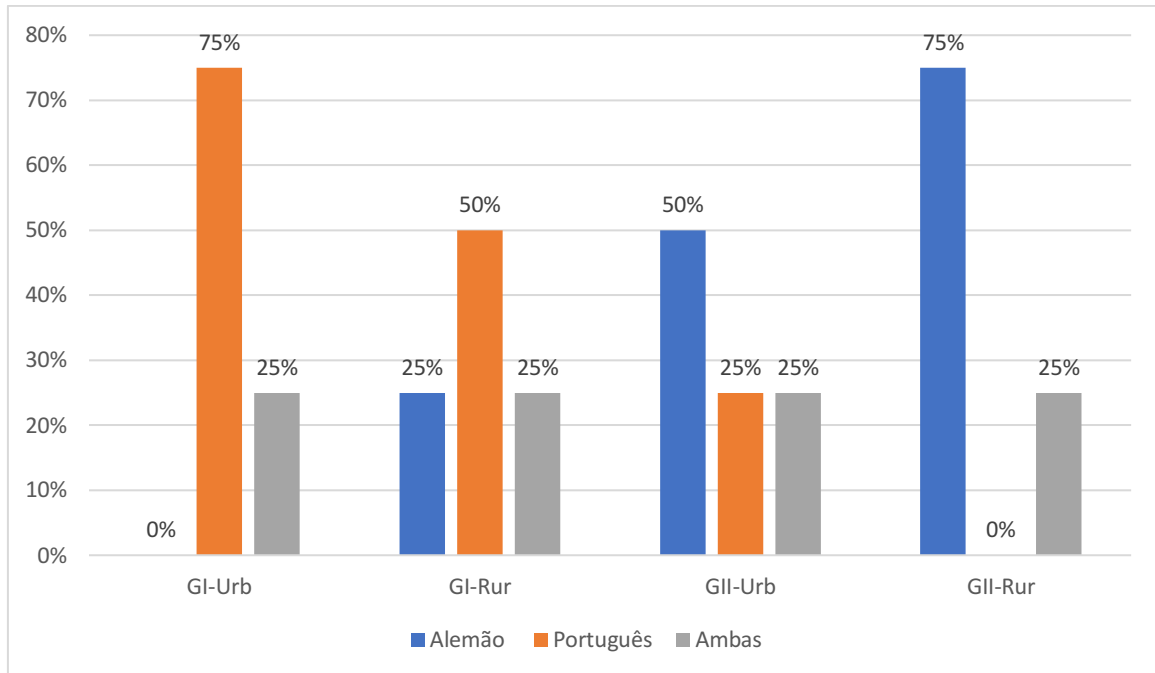
Como a função interna “rezar” apresentou uma variação considerável entre as categorias GII-Rur e GII-Urb, levanta-se a hipótese de que o motivo seja a influência das comunidades luteranas que existem em ambas as comunidades rurais analisadas (Santa Isabel e Teresópolis), visto que os luteranos costumam ainda usar o alemão dialetal nas suas igrejas e ritos religiosos, inclusive, os pastores dessas comunidades falam alemão.

Nesse contexto, a pergunta foi desdobrada de modo que os informantes tivessem a liberdade para incluir mais funções além das oferecidas para a resposta. O Inf 12_CaGII-RurA disse que usa para contar piadas e o Inf 15_CbGII-RurB comentou que gosta de recitar trava-línguas na língua alemã.

Cabe analisar que, de acordo com Krug (2004), ao se analisar a alternância entre as línguas portuguesa e alemão, atenta-se diretamente para a função da língua, no contexto de interação, considerando-se o grau de domínio por parte do falante e do(s) ouvinte(s).

Por fim, no intuito de se medir o grau de interferência, consideram-se os elementos ou conjuntos de elementos inerentes a uma língua no ato de falar ou de escrever na outra língua. Destarte, quando se trata de qual língua foi aprendida primeiro, as respostas dos informantes estão representadas no gráfico 6.

Gráfico 6 - Primeira língua aprendida



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

De acordo com os dados levantados, a GII-Rur é o grupo de informantes que mais aprendeu o alemão dialetal ou português e alemão dialetal concomitantemente, com 75% e 25%, respectivamente, e sem nenhum indivíduo que tenha aprendido primeiramente o português. Esse resultado corrobora o fato de que os informantes da GII e do meio rural são realmente os mais expostos à aquisição do alemão como L1.

O único informante, num total de quatro, neste grupo pesquisado, que aprendeu ambas as línguas ao mesmo tempo é o Inf 16_CaGII-RurB, que revelou ser filho de um diácono da igreja católica e de uma professora do antigo ensino primário. Destarte, a dimensão diastrática é determinante para a ocorrência do tipo de bilinguismo precoce intragrupo (dentro do seu grupo de análise).

No grupo GII-Urb, a exemplo do que aconteceu com o grupo GII-Rur, o Inf 8_CaGII-UrbB (com maior escolaridade) foi o que relatou ter o alemão e o português concomitantemente como línguas maternas; ou seja, assumindo o bilinguismo precoce.

Em situação bastante diferente, constata-se que nos grupos GI-Rur e GI-Urb, a L1 foi o português na maior parte dos casos. O resultado demonstra que, intergrupos (entre os grupos), a elevada diferença na aquisição da primeira língua reside na

dimensão diageracional, uma vez que a maioria dos entrevistados pertencentes à geração mais velha adquiriu o alemão dialetal primeiro e o português depois, ou a aquisição do alemão e do português ocorreu simultaneamente. Diferentemente, entre os mais jovens, prevaleceu a aquisição do português como primeira língua.

Todavia, na dimensão diatópica, frente à aquisição da língua alemã como L1 e do português como L2 (bilinguismo sucessivo) ou à existência do bilinguismo precoce alemão/português, constata-se que não há casos de aquisição de alemão como primeira língua entre os mais jovens urbanos.

Entre os mais jovens da área rural, embora tenha havido um percentual mais de falantes cuja primeira língua foi o português (50%), constatou-se que 25% dos informantes adquiriram o alemão dialetal como primeira língua e 25% deles são bilíngues precoces em alemão e português. Na geração mais velha da área urbana, há uma inversão quanto à aquisição da primeira língua, visto que metade dos informantes (50%) adquiriu primeiramente o alemão dialetal, e na outra metade, 25% adquiriu primeiramente o português e 25% adquiriu as duas línguas simultaneamente. Em síntese, os índices demonstram que, na geração mais jovem e mesmo no meio rural, o português prevalece como L1, o que aponta para a possibilidade futura de desaparecimento da língua étnica

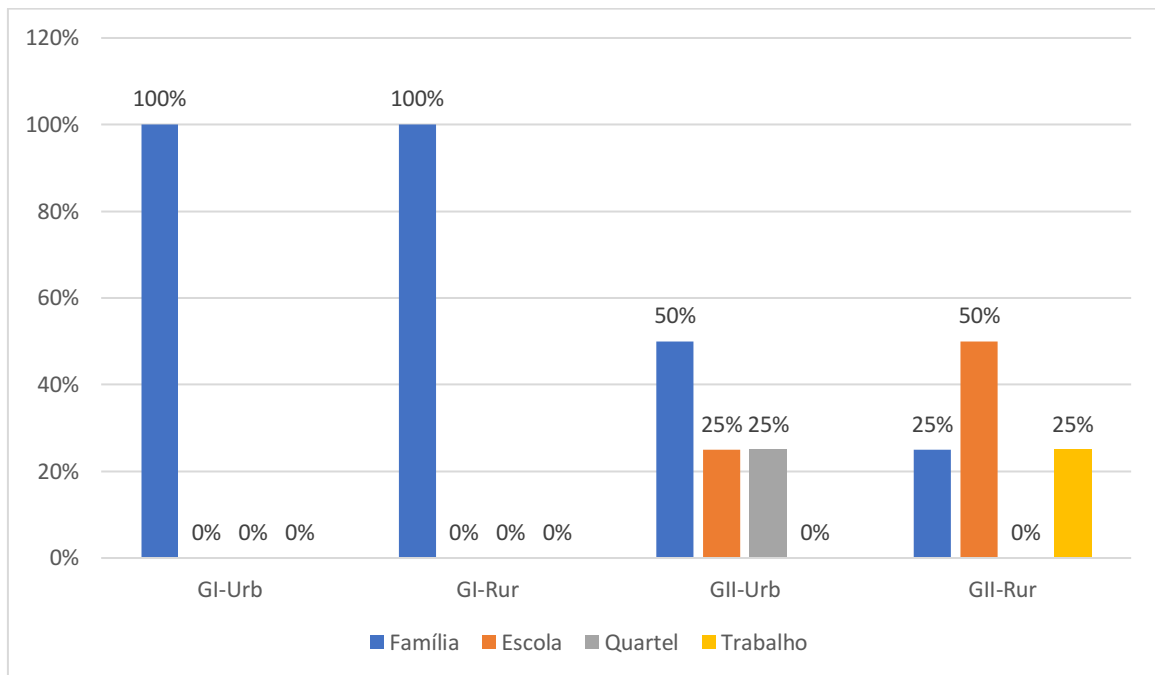
Juntamente aos percentuais apresentados, importa ilustrar algumas falas dos informantes:

Aqui na Santa Cruz, na verdade, na época se chamava Barra do Rio do Bugres, como tinha mercearia e hotel a gente aprendia português junto com o alemão, algumas famílias falavam mais o alemão e outras não [...] (Inf 8 – CaGII-UrbB).

Era muito comum conversá com a família e com os vizinho somente em alemão até quando a gente começou a ir assim pra escola uma vez, daí depois que a gente aprendeu o brasileiro bem devagar (Inf 11 – CbGII-RurA).

No que concerne à maneira como os informantes aprenderam português, os informantes da GI, sejam urbanos ou rurais, todos responderam que aprenderam o português principalmente em casa com os pais e demais familiares, ao passo que os informantes da GII se dividem entre as outras opções, consoante o gráfico 7.

Gráfico 7 - Contexto em que aprendeu português



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Considerando os informantes GII-Urb, 50% atestaram ter aprendido no ambiente familiar, outros 25% na escola, e outros 25% teriam aprendido no exército (quartel). Dentre os informantes da GII-Rur, a maioria (50%), disse ter aprendido a língua portuguesa na escola quando ingressaram na 1ª série primária. Ressalta-se, ainda, que 25% alegaram ter aprendido, ainda em casa, com a família, e outros 25% informaram que aprenderam ao sair de casa para trabalhar. Cumpre informar que, na Zona rural, o cidadão não era convocado para servir às forças armadas, a menos que quisesse, visto que, normalmente era dispensado por excesso de contingente.

Algumas das falas dos informantes podem retratar bem a realidade da aquisição da língua portuguesa:

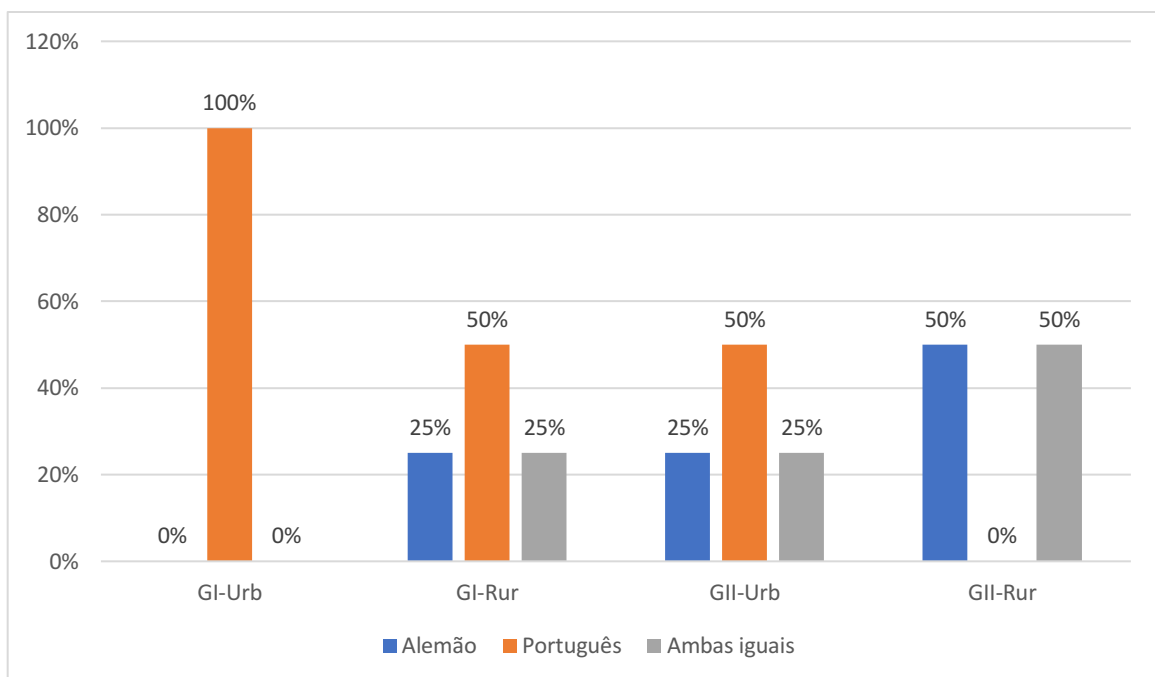
Tu vê, eu me fui aprender bem o brasileiro ah [hesitação] quando fui chamado pra servir no batalhão do exército em Florianópolis né [...] até os 18 anos, eu só falava quase assim o alemão, os outros soldados riam de mim bastante porque eu falava tudo errado em brasileiro (Inf 3_CbGII-UrbA).

Eu aprendi o brasileiro quando sai de casa pra trabalhar nas obra lá em São José em 73. *Foi difícil para você?* Olha rapaz, no começo foi

sim, por causa de que a gente não entendia direito o que o mestre de obras queria que a gente fizesse ali [...] daí tinha uns que falavam já melhô um pouco e ajudava a gente (Inf 11_CbGII-RurA).

Sobre a pergunta pertinente a qual língua os informantes julgam falar melhor, os dados gerados serviram de base para o gráfico 8.

Gráfico 8 - Língua em que os informantes julgam se expressar melhor



Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Sobre a língua que os informantes declaram falar melhor, não se verificaram diferenças na dimensão diastrática, na qual se considerou o fator escolaridade. Em vista disso, os resultados do gráfico 8 se referem exclusivamente às dimensões diatópica e diageracional. Conforme os percentuais acusam, a dimensão diageracional é um fator determinante para o grau de bilinguismo, seguida pela dimensão diatópica. Ao que se pode perceber, os informantes da GII se veem como falantes mais proficientes no alemão ou em ambas as línguas igualmente, com exceção do grupo CbGII-Urb, que informou falar melhor o português.

No outro extremo, os informantes da GI apresentaram resultados mais voltados ao português, com o adendo de que os residentes na zona rural apresentaram índices ligeiramente mais favoráveis ao alemão dialetal do que os moradores do perímetro urbano, resultado que sustenta a ideia da perda gradativa do bilinguismo em Águas Mornas nas novas gerações.

Conforme as falas dos informantes:

Eu falo melhô em alemão [...] em casa assim eu falo quase só em alemão [...] as palavra em brasileiro me fogem da cabeça uma vez, dai quando eu falo fica meio misturado, mas me viro no brasileiro também (risos) (Inf 11_CbGII-RurA).

Como eu falo bem mais em brasileiro, quer dizer português, acho que eu me saio melhor [...] me lembro que minha vó falava só alemão e meus pais já falavam os dois (alemão e português) (Inf 5_CbGI-UrbB).

Pensando melhô, eu falo igual em alemão e em brasileiro [...] muitas vez a gente até troca de um pro outro sem percebê né [...] pra nós que crescemo, desde pequeno, com as duas língua é uma coisa normal (Inf 15_CbGII-RurB).

Ao fazer o levantamento das línguas que os informantes costumam falar em família (em casa), considerando ainda a frequência e com quem falam, as respostas geraram o quadro 5.

Quadro 5 - Com quem os informantes falam a língua e a frequência

Informante	Língua/ Frequência	Com quem fala
Inf 1_CbGI-UrbA	Português/frequentemente	Pais e irmão
	Alemão/muito pouco	Pai
Inf 2_CaGI-UrbA	Português/frequentemente	Pais

	Alemão/pouco	Pais e irmão
Inf 3_CbGII-UrbA	Português/frequentemente	Esposa e Filhos
	Alemão/frequentemente	Esposa e Filhos
Inf 4_CaGII-UrbA	Português/frequentemente	Filhos
	Alemão/pouco	Filhos
Inf 5_CbGI-UrbB	Português/frequentemente	Pais e irmão
	Alemão/pouco	Avó materna
Inf 6_CaGI-UrbB	Português/Sempre	Mãe e irmãos
	Alemão/muito pouco	Tio
Inf 7_CbGII-UrbB	Português/frequentemente	Filhos e esposo
	Alemão/frequentemente	Filhos e esposo
	Espanhol/pouco	Filhos e esposo
Inf 8_CaGII-UrbB	Português/frequentemente	Filhos e mãe
	Alemão/pouco	Filhos e Mãe
Inf 9_CbGI-RurA	Português/frequentemente	Pais
	Alemão/ pouco	Avô paterno
Inf 10_CaGI-RurA	Português/frequentemente	Pais e irmã
	Alemão/pouco	Pais e irmã

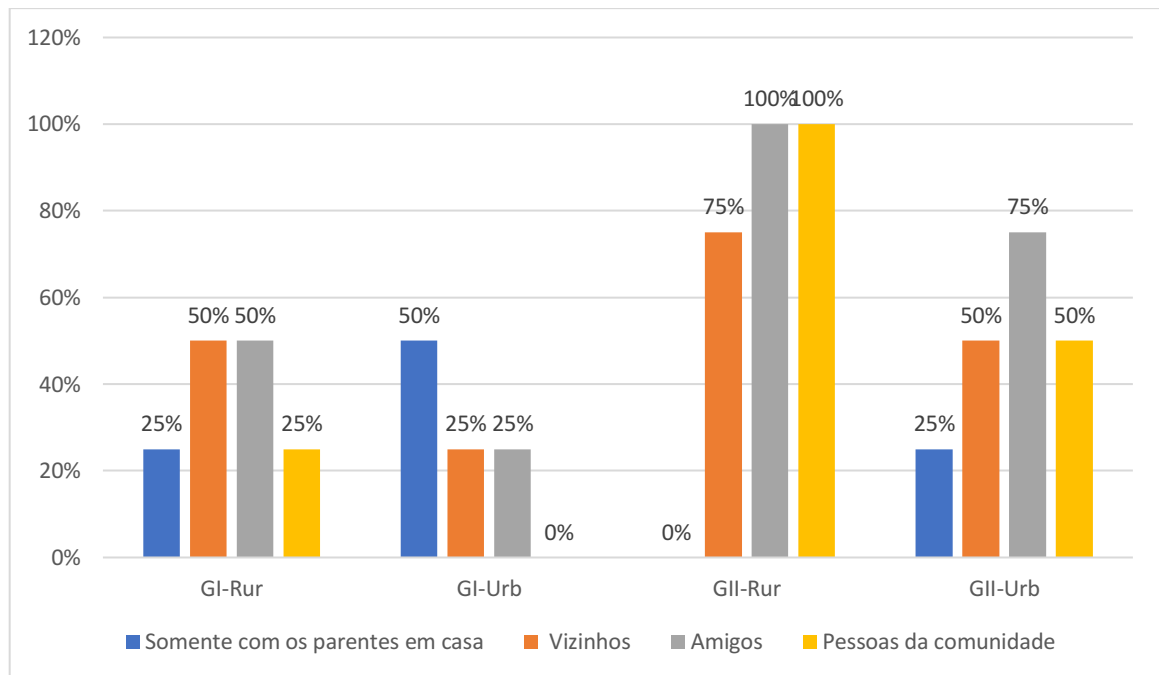
Inf 11_CbGII-RurA	Português/pouco	Filho e esposa
	Alemão/frequentemente	Filho e esposa
Inf 12 – CaGII-RurA	Português/frequentemente	Filha e mãe
	Alemão/frequentemente	Filha e mãe
Inf 13_CbGI-RurB	Português/frequentemente	Pais e irmão (+novo)
	Alemão/pouco	Pais
Inf 14_CaGI-RurB	Português/Sempre	Pais e irmã
	Alemão/pouco	Pais, irmão e avô (materno)
Inf 15_CbGII-RurB	Português/frequentemente	Esposa e filhos
	Alemão/frequentemente	Pai, esposa e filhos
Inf 16_CaGII-RurB	Português/frequentemente	Filhos
	Alemão/frequentemente	Filhos

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

De acordo com as informações prestadas, percebe-se que os informantes da GII-Rur costumam falar mais alemão dialetal do que os indivíduos da GI-Rur, da GII-Urb e da GI-Urb, respectivamente nessa ordem, o que ratifica a hipótese levantada para esse tópico, ou seja, que os dialetos alemães sejam mais falados nas comunidades rurais de Santa Isabel e Teresópolis do que nos bairros urbanos da Sede Municipal e de Santa Cruz da Figueira, onde predomina o Português-SC (BR).

Considerando que todos os informantes salientaram que falam alemão dialetal em casa, com maior ou menor frequência, questionou-se com quem eles costumam falar alemão além do ambiente familiar. As respostas deram origem ao gráfico 9.

Gráfico 9 - Uso da língua alemã para além do ambiente familiar



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Os informantes das categorias em análise admitem que, além de falar com os parentes em casa o alemão dialetal, também o fazem com os vizinhos, amigos ou com as pessoas da comunidade, de forma que pudessem escolher mais de uma opção entre as 4 categorias, visto que o indivíduo, além de falar o alemão dialetal com os familiares, pode falar com amigos, com vizinhos e com as demais pessoas da comunidade, concomitantemente.

Dito de outra forma, por exemplo, considerando o grupo GII-Rur – que possui no total quatro informantes – nenhum deles informou que usa o alemão dialetal somente em casa; três deles revelaram falar também com amigos (75%) e os quatro

(100%) disseram que também falam em alemão dialetal com os “amigos” e com “pessoas da comunidade”.

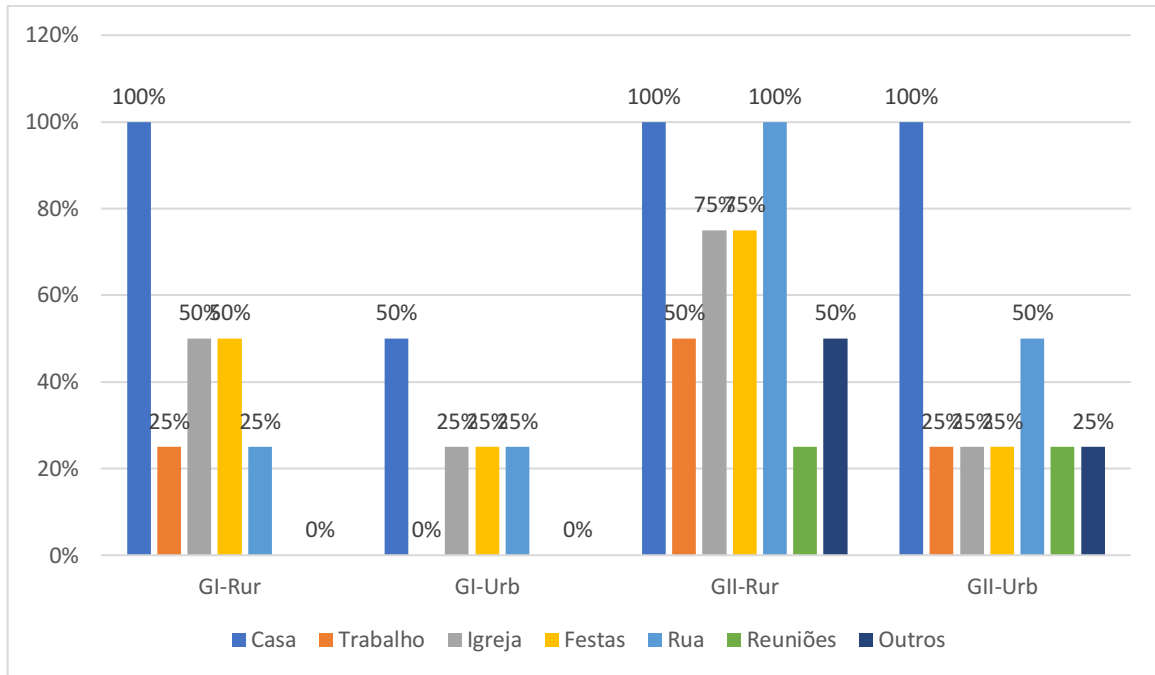
Ao se analisar a GII, percebe-se que os informantes da zona rural estendem o uso do alemão dialetal para categorias vizinhos, amigos e pessoas da comunidade em maior grau que os indivíduos urbanos. Nesse mote, a dimensão diatópica se demonstrou bastante consistente.

Ao se analisar os dados do público-alvo do grupo GI, é importante dizer que os informantes GI-Rur apresenta um uso considerável do alemão dialetal para além dos limites familiares em comparação com os GI-Urb, embora com menor intensidade do que os mais velhos. Cabe explicar que, dentro da categoria GI-Urb, os dois indivíduos que informaram falar alemão fora do ambiente familiar são residentes de Santa Cruz da Figueira. Tal situação deve ter ocorrido por conta das aulas de alemão que somente são ministradas na escola que recebe os alunos da comunidade de Santa Cruz da Figueira. Nesse entido, segundo o Inf 6_CaGI-UrbB:

a gente teve a oportunidade de ter aula de alemão desde a sexta série, ou da quinta série, não me lembro bem assim. Daí [hesitação] falamos às vezes alemão entre os amigos da escola quando a gente se encontra (Inf 6_CaGI-UrbB).

Seguindo essa ideia do contexto/situação de uso da língua alemã, os informantes foram interpelados sobre os locais e/ou situações em que falam alemão. Os resultados podem ser observados no gráfico 10.

Gráfico 10 - Contextos em que se fala alemão dialetal



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Os informantes puderam escolher livremente entre todas as opções e, desse modo, os dados representam o percentual de indivíduos que se inseriram em cada uma das opções disponíveis. Nesse sentido, considerando o grupo GII-Rur, pode-se dizer que é o grupo que apresentou os maiores índices do uso do alemão dialetal, sucedido do grupo GII-Urb.

Dentro do perímetro urbano, os maiores índices foram do GII-UrbB, que representa o bairro Santa Cruz da Figueira, provavelmente pelo motivo de ser uma localidade mais próxima geograficamente da zona rural e, portanto, ainda guarda certos aspectos semelhantes às comunidades rurais, a exemplo da prática da agricultura.

Em se tratando dos grupos GI, o quesito determinante parece ser a dimensão diatópica, visto que, em todos os contextos de fala, os informantes das zona rural apresentaram índices maiores do que os urbanos, seguindo as hipóteses já validadas pela ampla literatura nessa área da linguística.

De modo geral, na igreja e nas festas, eles falam mais alemão dialetal do que no trabalho e na rua, provavelmente por estarem mais juntos no seio da sua respectiva

comunidade e, além disso, alguns dos informantes são luteranos e esses indivíduos costumam usar bastante o alemão, inclusive nas cerimônias religiosas.

Seguindo esse ponto, nas reuniões também revelaram falar pouco, visto que geralmente estão com outras pessoas que não falam/entendem alemão. Sobre os outros pontos mencionados – que não alcançaram um percentual tão expressivo – estão postos de saúde, restaurantes e sindicatos de trabalhadores rurais.

Após a análise dos dados levantados nas entrevistas, faz-se importante debater as hipóteses levantadas com referência ao estudo empreendido. De modo geral, considera-se que as línguas mais utilizadas nas comunidades de Águas Mornas serão o Português-BR e alemão dialetal, visto que o município é caracterizado como área de colonização alemã – inclusive sediando a segunda colônia de imigrantes alemães de SC. As populações que formaram o município, de acordo com Phillipp (1995), eram, em sua maioria, compostas de imigrantes alemães que, no século XIX, deixaram a Alemanha, buscando de uma vida nova no Brasil.

Nesse contexto, a hipótese é de que os dialetos alemães sejam mais falados nas comunidades rurais de Santa Isabel e Teresópolis do que nos bairros urbanos da Sede Municipal e de Santa Cruz da Figueira, onde deve predominar o português falado em Santa Catarina (PB-SC). Tal hipótese tem sustentação e dialoga com os resultados obtidos nos estudos de Horst e Krug (2015), Altenhofen (2004), Krug (2004), Margotti (2004) e Zimmermann (1981).

Cabe salientar que as competências linguísticas ligadas à oralidade quanto à dimensão diageracional, de acordo com Krug (2004) e Horst e Krug (2015), dão conta da possibilidade de que os informantes mais velhos (GII) sejam mais proficientes em alemão do que os informantes mais jovens (GI). Nesse sentido, infere-se que os sujeitos que compõem a GI demonstrem uma competência mais passiva, de modo que tenham mais facilidade de compreensão do que de expressão. Importa enfatizar que, no que diz respeito às competências de leitura e escrita, há possibilidade de que sejam mais desenvolvida na GII, visto que durante a infância os informantes de idade mais avançada podem ter experienciado uma convivência com os parentes que liam e escreviam em alemão⁸.

⁸ Essa hipótese não se confirmou totalmente, pois muitos informantes do grupo CaGI, tanto rurais quanto urbanos, assumiram ter frequentado aulas de alemão (padrão) na escola da comunidade durante o Ensino Fundamental e Médio.

Além disso, a língua de imigração parece estar mais restrita ao ambiente familiar e, em menor grau em outros contextos externos. Ao passo que o PB-SC seria mais utilizado no meio comercial e social, o que inclui estabelecimentos educacionais, as instâncias da saúde, estabelecimentos oficiais e comerciais, consoante apresentou Margotti (2004).

Partindo da dimensão diatópica, a hipótese é de que os informantes da região rural de Águas Mornas apresentam crenças e atitudes positivas sobre a língua minoritária e crenças e atitudes negativas sobre a língua majoritária. Diferentemente, os informantes dos bairros urbanos demonstrarão crenças e atitudes positivas sobre a língua majoritária e crenças e atitudes negativas sobre a língua minoritária. Tal realidade, conforme Vandekerckhove (2010), demonstra que as variedades urbanas, grosso modo, podem ser caracterizadas como mais abertas a mudanças em comparação com as línguas rurais.

Naquilo que tange à dimensão diageracional, espera-se que os informantes mais jovens sejam mais inovadores, algo que demonstra, consoante Margotti (2004), que as línguas de imigração tendem a desaparecer gradativamente na GI. Além disso, boa parte disso também se deve, segundo Grosjean (2001), ao fato de que as políticas públicas historicamente proibiram as línguas de imigração em escolas, bem como na vida pública e, além disso, atualmente não valorizam ou incentivam seu uso. Nessa seara de pensamento, infere-se que bilinguismo/plurilinguismo tende a desaparecer na GI e, destarte, a maioria dos indivíduos se tornará monolíngue em PB-SC. Seguindo essa hipótese, de modo inversamente proporcional, espera-se que a GI permanecerá com crenças e atitudes mais positivas no que concerne à cultura e à língua de imigração.

Ressalta-se que, consoante a dimensão diastrática, considera-se a hipótese levantada por Votre (1992), que dá conta de que a variedade de prestígio – por constar nas gramáticas normativas e ser a norma ensinada e aprendida nas instâncias escolares – será mais valorizada pelos informantes com escolaridade mais elevada em detrimento da variedade estigmatizada (nesse caso, a língua de imigração). Além disso, Labov (2008) teoriza que, quanto maior a escolarização, mais os indivíduos se inclinam à variedade padrão

É relevante, também, discutir a hipótese de que as crenças e atitudes linguísticas sejam mais positivas em favor do PB-SC entre os informantes mais

escolarizados, mais jovens e urbanos, seguidos pelos indivíduos menos escolarizados, mais jovens e urbanos. Nesse viés, é de se esperar que os informantes menos escolarizados, mais velhos e rurais apresentem crenças e atitudes mais positivas em favor da variedade de imigração, sucedidos pelo grupo dos informantes mais escolarizados, mais velhos e rurais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se sabe, a importância desta pesquisa pode ser definida, principalmente, pelo grau de contribuição sociolinguística para as comunidades de descendentes de imigrantes alemães que ainda se servem de uma variedade de língua minoritária para a prática da comunicação. Comunidade que resiste heroicamente, a exemplo de outras nas quais houve assentamentos de imigrantes europeus originais ou de migrantes internos provenientes de antigas colônias, frente às políticas de repressão ao uso de suas línguas, incluindo a proibição de falarem suas línguas maternas, impondo-lhes, então, a oficial e majoritária língua nacional.

Tal realidade foi a responsável por situações traumática e, conseqüentemente, tornou-se um dos motivos pelo qual a língua não teria sido repassada à boa parte de seus descendentes. Como resultado, a referida proibição, no território nacional, ocasionou não somente a derrocada do alemão, mas também de diversas outras línguas de imigração, a exemplo do italiano, do polonês, entre outras.

Conforme os resultados do presente estudo revelam, assim como ocorre em tantos outros já citados, as línguas de imigração que se preservaram se encontram mais limitadas aos indivíduos de mais idade, que já a detinham. Por tal motivo e porque os falantes de línguas de imigrantes no Sul do Brasil e em outros lugares, como São Paulo e Espírito Santo, passaram a considerar que a manutenção das línguas trazidas por seus antepassados não mais detêm capital agregado, aos poucos foram abandonando a transmissão intergeracional. Deixando de existir essa transmissão, a tendência é a mortandade da língua, embora ainda persistam falantes dessas línguas, mesmo entre os mais jovens, como se observou em Águas Mornas.

Importa enfatizar que o bilinguismo/plurilinguismo é uma realidade que precisa ser incentivada e cultivada e, nesse sentido, é importante buscar ações que sustentem, de modo mais amplo possível, a manutenção das línguas de imigração. É lícito lembrar, ainda, de que a manutenção de uma língua faz parte da preservação de um patrimônio não só linguístico, mas também constitui a valorização da interculturalidade, das tradições e dos costumes de um povo, em síntese, de sua identidade. Destarte, faz-se mister o conhecimento de uma língua e, especialmente, aquilo que seus usuários pensam sobre ela e sobre a cultura associada a essa língua.

A exemplo de outros estudos destacados, a pesquisa desenvolvida em Águas Mornas-SC buscou analisar o estado atual da situação linguística desse município, principalmente em face do grau de manutenção da língua de imigração, buscando avaliar as crenças e atitudes dos informantes, assim como o grau de bilinguismo alemão-português, o contexto de circulação e as funções internas para as quais o público-alvo faz uso do alemão dialetal.

Nesse viés, pode-se destacar algumas conclusões, a exemplo da análise de quais línguas são mais utilizadas no contexto das comunidades rurais e urbanas de Águas Mornas. Sobre isso, constatou-se, de modo geral, a preferência pelo uso da língua majoritária, ou seja, o português. Entretanto, o alemão dialetal tem seu destaque principalmente no uso em ambiente familiar na maior parte dos casos. E, no caso dos falantes da geração mais velha e que habitam áreas rurais – rotulado de GII-Rur na pesquisa – ainda usam a língua alemã em outros espaços sociais, além do familiar, tais como os locais de trabalho, as igrejas, as festas, entre outras instâncias.

Esse resultado confirma a hipótese levantada, ou seja, a ideia de que a língua de imigração parece estar mais restrita ao ambiente familiar e, em menor grau em outros contextos externos. Nesse viés, o PB-SC seria mais utilizado no meio comercial e social, além de estabelecimentos educacionais, das instâncias da saúde, repartições oficiais, conforme havia sustentado Margotti (2004).

Outra questão consistiu em verificar o grau de bilinguismo dos informantes, assim como as funções internas para nas quais os informantes se utilizam de uma ou outra variedade (Alemão dialetal ou Português-SC). No que tange à oralidade, os resultados corroboraram a hipóteses, em parte, visto que os grupos que detêm as competências “fala/entende” o alemão foram o CbGII-Rur, o CbGII-Urb e o CbGI-Rur, demonstrando que os informantes mais velhos (GII) são mais proficientes em alemão do que os informantes mais jovens (GI).

Em vista disso, confirmaram as hipóteses de que as competências linguísticas ligadas à oralidade, já levantada por Krug (2004) e Horst e Krug (2015), que a GII seja mais proficiente em alemão do que a GI. Nesse sentido, infere-se que os sujeitos que compõem a GI demonstrem uma competência mais passiva, de modo que tenham mais facilidade de compreensão do que de expressão.

Sobre as competências de leitura e escrita, a hipótese inicial era de que fossem mais desenvolvidas na GII, o que também não se confirmou na totalidade visto que indivíduos da GI também se avaliaram como aptos para a prática da leitura. Algo que, como já foi dito, deve-se ao fato de terem frequentado aulas de alemão na escola da comunidade. Ainda sobre o grau de bilinguismo, os grupos que mais estendem o uso do alemão dialetal para outras funções internas, como rezar, sonhar, blasfemar foram representados na amostra da GII, algo que, de fato, confirma integralmente a hipótese inicial.

Diante do objetivo de constatar em que contextos (onde, como e quando) a língua de imigração é utilizada, confirmou-se a hipótese de que a língua de imigração estaria mais restrita ao ambiente familiar e, em menor grau em outros contextos externos, realidade que não está relacionada somente à GII. Nessa linha, confirmou-se que o Português-SC (BR) é a língua mais utilizado no meio comercial, na educação e nas instancias da saúde; ou seja, considerando os estabelecimentos oficiais e a sociedade de um modo geral.

Sobre a proposta de diagnosticar, por meio de quatro pontos de pesquisa (dois rurais e 2 urbanos), a possibilidade de diferenças nos fatores crenças e atitudes linguísticas em face da utilização de uma ou de outra variedade linguística, confirmou-se totalmente a hipótese de que os informantes da região rural de Águas Mornas possuem crenças e atitudes mais positivas sobre o uso da língua minoritária; bem como os informantes dos bairros urbanos apresentaram crenças e atitudes mais relacionadas à língua majoritária. Cabe dizer que, sobre a importância de ser bilingue, também se confirmou a hipótese, pois houve uma adesão maior nos grupos com mais escolaridade.

No que diz respeito à dimensão diageracional e do arcabouço do comportamento linguístico constatado no seio dos informantes da geração mais velha e da geração mais jovem, constatou-se um decréscimo gradativo no uso do alemão dialetal em relação aos informantes da GI em comparando com a GII, que se trata do grupo que mais conserva a língua e os costumes, demonstrando que o comportamento linguístico da amostra da pesquisa está relacionado às crenças e atitudes.

Entre os jovens, verificou-se uma presença maior bilíngues passivos; contudo, importa ressaltar que há também indivíduos proficientes na comunicação oral e na

leitura no grupo GI, o que diverge da hipótese em certa medida. Desse modo, em Águas Mornas, pode-se verificar que, em ambas as gerações, as crenças e atitudes, em maior ou menor grau, são positivas frente a língua minoritária e a sua identidade, perfazendo uma realidade que pode ser vista como identidade étnico-linguísticas e tentativa de manutenção da língua minoritária.

Referente ao objetivo que trata de relacionar as dimensões diatópica, diageracional e diastrática, apontando as crenças e as atitudes linguísticas mais destacadas entre elas, os resultados da pesquisa corroboram, em maior ou menor medida, com as teorias linguísticas destacadas. Por exemplo, apesar de haver pouquíssimas opiniões sobre o dialeto alemão que o caracterizem como um língua engraçada ou grosseira e manifestações que revelem ter vergonha de falar em público, a maioria dos usuários da GI apresentou crenças positivas perante à língua de imigração.

Além disso, de acordo com a dimensão diastrática, de que modo o fator escolaridade pode influenciar no quesito “crenças e atitudes” dos indivíduos em face das línguas utilizadas dentro das comunidades, observa-se que a Cb (baixa escolaridade) apresenta maior conservação língua alemã, mantendo crenças e atitudes mais positivas perante a variedade minoritária do que a Ca (escolaridade mais alta), confirmando, então, a hipótese levantada.

Em conclusão, observa-se, a partir dos dados, um *continuum* entre urbano e rural. Apesar do uso maior do alemão dialetal na comunidade rural, não se pode afirmar que o alemão seja a língua predominante. Espera-se, pois, que este trabalho possa contribuir para futuras pesquisas – seja na área de bilinguismo, do contato linguístico ou no campo das linguagens de modo geral – no intuito de exaltar e de promover a interculturalidade e as línguas minoritárias no cenário nacional.

Como limitações da pesquisa, pode-se elencar a falta de uma abordagem que também envolvesse uma investigação e uma descrição das variedades dialetais do alemão que existem no município, visto que ainda parece haver um contexto muito rico nesse sentido; ou seja, um cenário no qual os moradores das diferentes localidades da Águas Mornas – respeitando as variedades linguísticas já distintas no território europeu e que remontam à época da pré imigração – se servem de distintos dialetos para sua comunicação.

Para trabalhos futuros, tendo em vista a riqueza do patrimônio dialetal constatada em todos os pontos de pesquisa analisados, sugere-se o levantamento embasado nos parâmetros da Dialetologia Pluridimensional e da Geolinguística, por meio da confecção de mapas e cartas linguísticas, analisando principalmente a incidência dos dialetos Westfaliano, Platt Deustch, Hunsrückish, Kaffeepflücker, entre outros que se sabe, ainda que empiricamente, coexistirem em Águas Mornas-SC.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 289-315.

ALTENHOFEN, C. V. ; MORELLO, R. Rumos e perspectivas das políticas linguísticas para línguas minoritárias no Brasil: entre a perda e o inventário de línguas. In: **Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas**. Porto Alegre: UFRGS, 2013. p. 19-26.

ALTENHOFEN, C. V. ; et al. Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil. In: **Revista Contingentia**, Porto Alegre, Vol. 2, nov 2007, p.73-87.

ALTENHOFEN, C. V. **Os contatos linguísticos e seu papel na realização do português falado no sul do Brasil**. In: ESPIGA, J.; ELIZAINCÍN, A. (Org.). *Español y portugués: um (velho) novo mundo de fronteiras e contatos*. Pelotas, p. 129-164, 2008.

ALTENHOFEN, C. V. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Brasil. In: **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana** (RILI), Frankfurt a.M., n. 1(3), p. 83-93, 2004.

ALTENHOFEN, Cléo V. et al. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. **Línguas em contato: onde estão as fronteiras**, p. 69-103, 2014.

ALVAR LÓPEZ, M. **Estructuralismo, geografía lingüística y dialectología actual**, Madrid: Gredos, 1983.

APPEL, R. Y MUYSKEN, P.: **Bilingüismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel, 1996.

ATLAS LINGÜÍSTICO DIATÓPICO Y DIASTRÁTICO DEL URUGUAY (ADDU) – THUN, Harald (Dir.).– Norte (ADDU-Norte). Parte cartográfica: Tomo I: Consonantismo y vocalismo del portugués. Fasc. A.1 1/1: Laterales y palatales (A. 1/1: Palatalización de las oclusivas apicodentales (/t/ + [i], /d/ + [j]); A.1/2. Yeísmo y leísmo). Kiel: Westensee-Verel., 2000. 30 p. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 12.)

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS). **Volume 2: Cartas semântico-Lexicais**. ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (orgs.) et al. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011. 954 p.

BLOOFIELD, L. **Language**. Nova York: Holt, Rinegartand Winston. 1961.

BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. Avaliação dialetal por meio da técnica de medição indireta. **Línguas & Letras**, v. 14, n. 26, 2013.

BUNSE, Heinrich AW; DE KLASSMANN, Mário. **Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul: problemas, métodos, resultados**. Faculdade de Filosofia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1969.

CAMPELO, Fernanda de Souza Pedroso. A Relevância Social das Pesquisas em Atitudes. **Web Revista Sociodialeto**, v. 9, n. 26, p. 13-47, 2019.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. Cambridge University, 2 ed. 1994.

CLYNE, M. **Dynamics of language contact. English and immigrant languages**. New York: Cambridge University Press, 2003.

COSERIU, E. La geografía lingüística, El hombre y su lenguaje. **Estudios de teoría y metodología lingüística**, Madrid: Gredos, 1985, pp. 103-158.

COSERIU, E. **Los conceptos de “dialecto”, “nivel” y “estilo” de lengua y el sentido propio de la dialectología**, 1981.

DE FINA, A. Orientation in Immigrant Narratives: The Role of Ethnicity in the Identification of Characters. **Discourse Studies** 2. p. 131-157, 2000.

FERREIRA, Alicja Maria Goczyła. **A Presença da Língua Polonesa na Colônia Dom Pedro II em Campo Largo, Paraná**. Dissertação Mestrado. Orientadora Prof.^a Dra. Odete Pereira da Silva Menon, Curitiba, 2019.

FROSI, Vitalina Maria. MIORANZA, Ciro. **Imigração Italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: Movimento, 1975.

FROSI, Vitalina Maria. A identidade étnica e linguística do ítalo-brasileiro: sua constituição e reconstrução. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 16, n. 2, p. 101-124, 2013.

FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Giselle Olívia Mantovani. Prestígio e estigmatização: dialeto italiano e língua portuguesa da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul. **Revista da ABRALIN**, v. 7, n. 2, p. 139-167, 2008.

FUNKLER, Débora Isabel; HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó. Crenças e atitudes linguísticas de falantes ítalo-brasileiros em Chapecó-SC. **Web Revista SOCIODIALETO**, v. 7, n. 20, p. 211–248-211–248, 2016.

GROSJEAN, F. **Life with two languages: An introduction to bilingualism**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1982.

HICKEY, R. **The handbook of language contact**. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2012.

HILLESHEIN, Luiz Fernando. **A alternância do gênero morfológico no português em contato com dialetos alemães na região sul do país**. Monografia Especialização. UFSC, Florianópolis, 2019.

HORST, Cristiane. “Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter vira bisa”. A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemãoportuguês do sul do Brasil – Tese de doutorado. Kiel, Westensee – Verl. 2011 [Zug: Kiel, Unv. Diss., 2011].

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó. Desafios de uma educação plurilinguística em um país que se diz monolíngue: um estudo de caso. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 23, n. 4, p. 1274-1296, 2020.

IANNI, O. **Raças e Classes Sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972

KÖPKE B.; SCHMID M.S. **First Language Attrition: Interdisciplinary perspectives on methodological issues**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 2004, pp. 189-206.

KRUG, Marcelo Jacó. **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemã-italiano-português de Imigrante – RS**. 2004. 131 f. Dissertação (Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de pós-graduação em Letras, Porto Alegre, 2004.

KRUG, Marcelo Jacó. **Os bilíngues teuto-brasileiros frente à metafonía do Português**. Kiel: Westensee Verlag, 2011

KRUG, Marcelo Jacó. **Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Missões no Brasil e Misiones na Argentina (ALCF)**. FAPERGS/UFRS, 2013

KRUG, Marcelo Jacó; HORST, Cristiane. Identidade e comportamento étnico-linguístico em um contexto multilíngue no sul do Brasil: teoria e prática. **Letras em Revista**, vol. 1, núm. 24, pp. 173-187 Laureate International Universities Porto Alegre, Brasil, 2015.

LABOV, William (1972). **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008].

LABOV, William. **Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors** (v. III). Malden: Wiley-Blackwell, 2010. p. 197-202

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LAMBERT, W. E., HODGSON, R., GARDNER, R. C.; FILLENBAUM, S. Evaluational reactions to spoken languages. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, Washington., v. 60, n. 1, p. 44-51, 1960.

LARA, Claudia Camila. **Atitudes linguísticas do português brasileiro em contato com o hunsrückisch**. Polifonia, v. 26, n. 41, p. 46-60, 2019.

MACKEY, William F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. (ed.). **Reading in the sociology of language**. 3. ed. The Hague : Mouton, 1972. p. 554-584

- MARGOTTI, Felício. **A Difusão Sócio geográfica do Português em Contato com o Italiano no Sul do Brasil**. 2004. 313 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- MONTES GIRALDO, J. J. **Dialectología general e hispanoamericana**: orientación teórica, metodológica y bibliográfica. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1987.
- OLIVEIRA, G. M. Brasileiro fala português: monolinguismo e preconceito linguístico. **Revista Linguagem**, n. 11, s.p., 2009.
- PHILIPPI, Aderbal João. **São Pedro de Alcântara**: a primeira colônia alemã de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. Do Autor, 1995.
- PREDIGER, Angelica. **Topodinâmica do alemão falado em comunidades de imigração do norte da boêmia no Brasil**. 2019.
- RADTKE, E.; THUN, H. **Novos caminhos da geolinguística românica**: um balanço. Cadernos de Tradução. IEL/UFRGS, n. 5. Porto Alegre: 1999 [1996], p. 31-51. Trad. de Cristiani Worotmann Gross.
- RAMBO, Arthur Blásio. **Somando forças**: o projeto social dos Jesuítas do sul do Brasil. São Leopoldo: UNISINOS, 2011
- ROMAINE, Suzanne. **Bilingualism**. 2. ed. Oxford : Basil Blackwell, 1995.
- RUSCHEINSKY, Elena Wendling. **“Uma vez falando em alemão”**: o uso da variante uma vez no português falado em Itapiranga e São João do Oeste - Sc. Dissertação de mestrado. Orientador Marcelo Krug, Chapecó, 2014.
- SPINASSÉ, P. K., KÄFER, M. L. A conscientização linguística e a didática do multilinguismo em contextos de contato português-Hunsrückisch. Gragoatá, 22(42), 393-415, 2017.
- THOMASON, S. G. KAUFMAN, T. **Language contact, creolization, and genetic linguistics**. Berkeley: University of California Press, 1992.
- THOMASON, S. G. **Language contact**. Edinburgh: University Press, 2001.
- THUN, H. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana Maria Stahl. **Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.
- THUN, H. A Geolinguística Pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **Para uma história do português brasileiro**, volume VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.
- VAN DIJK, T. A. **El análisis crítico del discurso**. Anthropos, Barcelona, 186, pp. 23-36, sep./oct. 1999.

VOTRE, S. J. Escolaridade. In: MOLLICA, M. C. (Org.). Introdução à sociolinguística variacionista. **Cadernos didáticos**. 2. ed. Rio de Janeiro-RJ: UFRJ, 1992, p. 51-58.

VANDEKERCKHOVE, Reinhild; NOBELS, Judith. Code eclecticism: Linguistic variation and code alternation in the chat language of Flemish teenagers 1. **Journal of sociolinguistics**, v. 14, n. 5, p. 657-677, 2010.

WEINREICH, U. **Languages in contact: Findings and problems**: Publications of the Linguistic Circle of New York, 1963

ZIMMERMANN, Ivo. **Interferência de um dialeto alemão na língua portuguesa**. Dissertação de Mestrado. USFC, Florianópolis, 1981.

ANEXOS

Anexo A - Entrevista

Texto introdutório para ser gravado no início da gravação

Hoje é o dia...

Estamos em...

Meu nome é...

Estamos com...

Que pertence ao grupo (G1, GII...)

Você está de acordo que esta conversa seja gravada e que seja usada para fins de pesquisa e publicações de cunho científico?

PARTE 1 - Questões de identidade (KRUG, 2013)

1. Você se considera bilíngue?
2. Que línguas você fala?
3. Qual você aprendeu primeiro?
4. Qual você fala melhor?
5. Qual você acha mais bonita?
6. Para você, qual é a mais difícil de aprender?
7. Que línguas costuma falar na família? (quantas vezes? Quando, com quem?)
8. Que tipo de alemão é?
9. Tem diferença entre o alemão da Alemanha e o daqui? Qual é a diferença? (KRUG, 2004)
10. Em que língua gosta de conversar mais?
11. De modo geral, costuma falar mais a língua minoritária, ou português?
12. Quando vem visita, que língua prefere usar? (Vide KRUG, 2004)
13. E se a visita só fala português? Se sente melhor quando é uma visita que também fala alemão? (Vide KRUG, 2004)

14. O que acha das pessoas que só falam português e nunca sua língua de casa, alemão?
15. Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, alemão, mas insistia em só falar português?
16. Como aprendeu o português?
17. Como é/foi o uso do alemão na escola e na igreja? (Vide KRUG, 2004)
18. Como acha que as pessoas de fora veem os originários daqui? (Vide KRUG, 2004)
21. Você pensa em alemão?

II - Identificação de padrões identitários (variação e intensidade da identidade) (KRUG, 2013)

1. O que identifica o alemão típico daqui?
 - a) Suas características físicas
 - b) Sua língua, Sua Música,
 - c) Sua casa,
 - d) Sua religião,
 - e) Seus hábitos e costumes,
 - f) Suas festas,
 - g) Seus nomes
 - h) Outros _____
2. Como são chamadas as pessoas que não são de origem alemã? (KRUG, 2004).
3. De modo geral, de todos os tipos de pessoas aqui, quem preserva mais a sua língua e costumes de origem?
4. Tem diferença entre o alemão falado em na sua localidade em comparação com outras comunidades de Águas Mornas ou de outras lugares fora de Águas Mornas? A que se deve isso? Dê alguns exemplos.
5. De modo geral, quem fala melhor o português e o alemão?

Inf.4										
Inf.5										

1. Como aprendeu português? (MARGOTTI, 2004).

	família	escola	quartel	trabalho	contato	outros
Participante 1						
Participante 2						
Participante 3						
Participante 4						
Participante 5						

2. Com quem você fala alemão? (MARGOTTI, 2004).

	avós	pais	irmãos	parentes	vizinhos	amigos	outros
Participante 1							
Participante 2							
Participante 3							
Participante 4							
Participante 5							

3. Em que locais e situações você fala Alemão? (MARGOTTI, 2004).

	Em casa	no trabalho	na igreja	nas festas	na rua	em reuniões	outros
Participante 1							

Participante 2							
Participante 3							
Participante 4							
Participante 5							

b) Quanto ao bilinguismo na comunidade

7. Todas as pessoas daqui falam alemão? Quem? (sugerir após resposta espontânea) (MARGOTTI, 2004).

	Avô	Avó	Pai	Mãe	Irmãos	Tios	Primos	Amigos	Vizinhos	Professores	Religiosos	outros
Participante 1												
Participante 2												
Participante 3												
Participante 4												
Participante 5												

8. Quando vem visita, que língua você usa? (Como é se a visita fala/falasse só português, ou só alemão?) (MARGOTTI, 2004).

9. Sabe dizer qual é o dialeto alemão mais comum aqui? (MARGOTTI, 2004).

10. Como avalia o alemão em termos de tipo de língua falada no lugar? (MARGOTTI, 2004).

	legal	grosseira	bonita	feia	errada	engraçada	Outros
--	-------	-----------	--------	------	--------	-----------	--------

Participante 1							
Participante 2							
Participante 3							
Participante 4							
Participante 5							

Por quê?

c) Ensino de alemão

12. Você(s) sente(m) vontade de estudar alemão? sim não Por quê?
(MARGOTTI, 2004).
-

13. E, na sua opinião, concorda que o alemão seja ensinado nas escolas? sim não
Por quê? (MARGOTTI, 2004).
-

14. E qual o alemão você acha que deveria ser ensinado? (MARGOTTI, 2004).

- () dialeto falado na região
() dialeto padrão/gramatical

Por quê?

d) Manutenção do alemão

15. Você(s) faz(em) questão de passar o alemão para as novas gerações? (MARGOTTI, 2004).

() sim () não Por quê? _____

16. Os pais de você(s) fizeram questão de passar o alemão para os filhos? (MARGOTTI, 2004).

() sim () não Por quê? _____

PARTE 3 – Roteiro de Conversa Semidirigida (MARGOTTI, 2004).

1. Aqui existe alguma festa alemã? Qual (quais)? O que você(s) pensa(m) sobre ela(s)? (sugerir a Stammtisch)
2. Acredita que tenha valorização a cultura alemã? Você acha isso importante? Por quê?
3. Na sua avaliação, o que existe e o que está sendo feito é suficiente para manter e promover a língua, os costumes e as tradições alemãs? Qual é sua opinião/sugestões sobre isso?
4. Você tem orgulho, ou vergonha, de seu modo de falar? Por quê?
5. Você acha que o alemão é valorizado pela comunidade? sim não Por quê?
6. O que você pensa sobre seu modo de falar? O português (ou o brasileiro) falado na comunidade tem características que o diferenciam do português (ou do brasileiro) falado em outros lugares? Quais são essas diferenças?
7. O que você sabe que as pessoas de fora dizem sobre as pessoas daqui? (língua, aspectos físicos, modo de trabalhar, religião...)?
8. Você vê vantagens em falar mais de uma língua? Quais?
9. Você acha que os falantes que só falam português têm inveja dos que falam mais de uma língua? Por quê?
10. Em que casos/situações você não fala, ou raramente, fala português? Nesse caso, que língua é usada?
11. Você acha importante saber falar alemão? sim não Por quê?

Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Estamos apresentando ao (à) Sr. (a) o presente Termo de Consentimento e, caso concorde em participar de nossa pesquisa, intitulada “*Descrição da Situação Linguística dos Teuto-Brasileiros de Águas Mornas-SC*” e consinta com a aplicação e gravação de uma entrevista sobre o uso das línguas alemã e portuguesa faladas Águas Mornas. Esclarecemos que o referido estudo tem como objetivo descrever a situação do bilinguismo em Águas Mornas – SC.

Cabe salientar que, mesmo com todos os cuidados tomados, ainda restam potenciais riscos – mesmo que mínimos – que todas as pesquisas desse porte podem abarcar no que tange aos público-alvo da pesquisa, como também aos procedimentos inerentes a participação nessa pesquisa.

Entretanto, mesmo que a hipótese (intervenção) a ser testada não possa ainda ser vista como um benefício, pode-se verificar um benefício indireto alavancado pela produção de conhecimento associada ao próprio desenvolvimento da pesquisa; destacando os potenciais benefícios aos participantes, diante da valorização de seus aspectos linguísticos, identitários e culturais.

Nesse sentido, garantimos o sigilo, assim como o anonimato da identidade dos entrevistados, o livre acesso aos dados, bem como a liberdade de não participação nos moldes da Resolução do CNS 510/2016. Caso o (a) Sr. (a) tenha disponibilidade e interesse em participar como entrevistado(a) deste estudo, autorize e assine a declaração de autorização abaixo:

Pela presente autorização, declaro que fui informado(a) de forma clara, dos objetivos, da justificativa e dos instrumentos utilizados na presente pesquisa. Declaro que aceito voluntariamente participar do estudo e autorizo o uso de gravador e/ou de câmera nos momentos em que se fizer necessário.

Fui igualmente informado (a) da garantia de: solicitar resposta a qualquer dúvida com relação aos procedimentos, do livre acesso aos dados e resultados; da liberdade de retirar meu consentimento em qualquer momento do estudo; do sigilo e anonimato.

Enfim, foi garantido que todas as determinações ético-legais serão cumpridas antes, durante e após o término desta pesquisa.

*Autorizo o uso dos dados também em estudos futuros: () sim ()
não*

LOCAL/DATA: _____

ASSINATURA DO PARTICIPANTE: _____